Persona non gratis

Favio Bargas



Edunila

PERSONA NON GRATIS

FAVIO BARGAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Diana Araújo Pereira	Reitora
Rodne de Oliveira Lima	Vice-reitor

EDUNILA – EDITORA UNIVERSITÁRIA

Julio da Silveira Moreira	Coordenador da EDUNILA
Leonel Gandi dos Santos	Vice-coordenador da EDUNILA e Bibliotecário-documentalista
Andréia Moassab	Membra da Coordenação Executiva
Ailda Santos dos Prazeres	Assistente em administração
Robson Eduardo Gibim	Assistente em administração
Francieli Padilha Bras Costa	Programadora visual
Ricardo Fernando da Silva Ramos	Assistente em administração

CONSELHO EDITORIAL

Julio da Silveira Moreira	Presidente do Conselho
Leonel Gandi dos Santos	Vice-presidente do Conselho
Débora Viletti Zuck	Representante dos/as técnico-administrativos/as em educação da UNILA
Raulandis Magdariaga Perez	Representante dos/as discentes de pós-graduação da UNILA
Janice Scheila Kieling	Representante do Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT – UNILA)
Selma Passos Cardoso	Representante do Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT – UNILA)
Diego Chozas Ruiz-Belloso	Representante do Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN – UNILA)
Luiz Roberto Ribeiro Faria Junior	Representante do Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP – UNILA)
Ramon Blanco de Freitas	Representante do Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política (ILAESP – UNILA)
Edilma de Jesus Desidério	Representante externa - Professora voluntária no Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Lilibeth Janneth Zambrano Contreras	Representante Externa - Coordenadora da Rede Internacional de Pesquisadores de Literatura Comparada - REDILIC, do Instituto de Pesquisa Literária “Gonzalo Picón Febres”, da Faculdade de Ciências Humanas e Educação, da Universidade de Los Andes, Mérida, Venezuela
Ricardo Scavone Yegros	Representante externo - Membro da Academia Paraguaya de la Historia e Diretor Geral da Academia Diplomática e Consular do Ministério de Relações Exteriores do Paraguai
Deny Savia Martins da Silva	Representante Externa - Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela UNILA, Representante Externa à UNILA
Luis Mauricio Rodríguez Salazar	Representante Externo - Pesquisador e Professor vinculado ao Instituto Politécnico Nacional (IPN), México

PERSONA NON GRATIS

FAVIO BARGAS

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

EDUNILA
Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

2026

@ 2026 EDUNILA - Editora Universitária

EQUIPE EDITORIAL

Julio da Silveira Moreira	**Preparação de originais**
Pamela Alcantara Barros (Discovery serviços profissionais)	**Projeto gráfico, capa e diagramação**
André Crevi	**Pintura "Ponte da Amizade", utilizada na composição da capa**
Judeley Cesaire (SECOM – UNILA)	**Fotografia da pintura**
Diana Jazmin Britez Cohene	**Revisão**
Leonel Gandi dos Santos	**Normalização bibliográfica**

Catalogação na publicação (CIP)

Vargas, Fábio Aristimunho
V297p Persona non gratis / Fábio Aristimunho Vargas -- Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2026.
PDF (125p.) : il.

ISBN: 978-65-86342-91-8
DOI: https://doi.org/10.67631/edunila.59

1. Portunhol. 2. Tríplice Fronteira – Brasil – Paraguai – Argentina. 3. Sociolinguística. 4. Contato linguístico. 5. Patrimônio cultural. I. Vargas, Fábio Aristimunho. II. Título

CDD 467.98
CDU 811.134.2'282

Ficha Catalográfica elaborada por Leonel Gandi dos Santos CRB9/2269

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização prévia, por escrito, da editora. Direitos adquiridos pela EDUNILA – Editora Universitária

Editora associada a:

ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

ASOCIACIÓN DE EDITORIALES

EDUNILA Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana

EDUNILA – Editora Universitária
Campus Integração - Av. Tancredo Neves, 3147 - Porto Belo
Caixa Postal: 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil / CEP: 85867-970
editora@unila.edu.br
https://portal.unila.edu.br/editora



* A capa e os elementos gráficos desta publicação incorporam a obra Ponte da Amizade, de André Crevi, cuja criação artística confere identidade visual ao livro.

Palavras da Editora

"Che amigo, ¿vamos cruzar?"
"No tengo plata, ¿aceita Pix?"
"¿Dónde piko você estava?"
"Hoje tem poroto com arroz."

Na fronteira, frases como essas não precisam de tradução. Nascem da necessidade de comprar, trabalhar, atravessar uma ponte, encontrar alguém, pedir uma informação ou simplesmente conversar. Não obedecem a um vocabulário fixo nem pedem licença antes de cruzar de uma língua para outra. Estão vivas porque estão em uso.

O portunhol não reproduz uma variedade única nem estabelece uma gramática para a fronteira. Trata-se de uma língua literária elaborada por meio do português, do espanhol e do guarani, mas também de deslocamentos sonoros, grafias inventadas, falsos cognatos, nomes transformados e palavras recolhidas da vida cotidiana. Sua escrita parte da experiência fronteiriça para construir uma dicção própria.

Em 2020, o documentário *Portuñol*, dirigido por Thais Fernandes, com pesquisa e produção local de Tatyane Ravedutti, percorreu diferentes fronteiras do Brasil com países hispano-americanos para registrar o encontro entre línguas e culturas no comércio, nas migrações, nas relações familiares e nas manifestações artísticas. Entre as vozes reunidas pelo filme está a de Diana Araujo Pereira, que

interpreta fragmentos de *Canto du migrante* e *Persona non gratis**, poemas de Favio Bargas. Sua leitura evidencia a dimensão oral e performática desses textos, construídos não apenas para o papel, mas também para a voz e a escuta.

A participação dos poemas no documentário integra uma trajetória anterior de criação e circulação. O manifesto *Portuñol és miña língoa, miña patria és la Frontera* já circulava desde 2011 e foi publicado, em 2016, na antologia *Paisaje trifonteirizo: Antologia Ciudad del Este*. Diana Araujo Pereira também o examinou em seus estudos sobre a geopoética da Tríplice Fronteira, compreendida não apenas como limite entre Estados, mas como território simbólico formado por deslocamentos, memórias, línguas e experiências compartilhadas. O documentário amplia essa trajetória ao transportar a escrita para o cinema e restituir aos poemas sua dimensão sonora.

Persona non gratis participa de uma produção literária fronteiriça que encontra em Douglas Diegues uma de suas referências. O portunhol selvagem por ele concebido não se apresenta como idioma estável nem como fórmula: é uma prática plurilíngue de fala e escrita, fundada na mistura do português, do espanhol e do guarani, mas aberta a palavras de quaisquer outras línguas. Não existe um portunhol único, pois cada pessoa possui e pode inventar o seu; do mesmo modo, cada artista da palavra cria uma gramática própria, pessoal e intransferível. Sua recusa da unificação, dos acordos ortográficos e das formas fixas transforma a mistura em procedimento de invenção poética e afirmação da liberdade de linguagem.

* Fraguimientos dus poemas “Canto du migrante” & “Persona non gratis” aparecieron perla primiera viez, enla boz de Djiãna Araudjo Pereyra, nel documentario *Portuñol* (Brassiu, 2020, 70 min., direcciom Thaís Fernãndes).

Essa produção encontra continuidade no trabalho de Jorgelina Tallei, professora da UNILA, pesquisadora e escritora em portunhol. Em seus livros, a língua está vinculada à migração, à infância, ao pertencimento e à experiência de viver entre lugares. Suas pesquisas estendem a discussão ao cotidiano da fronteira, à educação, às políticas linguísticas e ao mercado editorial. Tallei também denuncia a dimensão xenófoba da discriminação linguística: zombar de um sotaque, exigir que a pessoa estrangeira o suavize, tratar seus repertórios como deficiência, corrigir continuamente sua fala ou negar-lhe oportunidades por sua origem são formas de estabelecer hierarquias entre línguas e, por meio delas, entre pessoas. Na escola, essa violência aparece quando as línguas das crianças migrantes são tomadas como obstáculo ou erro e submetidas a práticas homogeneizadoras que silenciam identidades e experiências.

Esse entendimento encontra fundamento na sociolinguística e nos estudos sobre as línguas em contato. No clássico *Preconceito Linguístico*, Marcos Bagno questiona a crença de que apenas a norma-padrão constituiria uma língua legítima. As variedades efetivamente utilizadas pelos falantes não são versões incompletas ou corrompidas de um idioma ideal. São sistemas por meio dos quais grupos humanos organizam e expressam sua experiência. O julgamento negativo dirigido a uma forma de falar costuma atingir, por intermédio dela, seus falantes, seus territórios e suas condições sociais.

Em *Persona non gratis*, a fronteira constitui um espaço de circulação, parentesco, comércio, migração, conflito e memória. Após os poemas, o relato fotobiográfico de seis gerações conduz essa experiência ao arquivo familiar. Fotografias, nomes, viagens, casamentos, separações e lembranças revelam como os limites entre Brasil, Paraguai,

Argentina e Uruguai atravessaram a história de uma família. A língua acompanha esses movimentos e carrega as marcas das pessoas e dos lugares pelos quais passou.

A decisão editorial de sua publicação parte, portanto, do reconhecimento de que a diversidade linguística integra o patrimônio cultural da fronteira e constitui matéria de conhecimento, memória e criação. Em uma universidade voltada à integração latino-americana, editar esta obra significa acolher uma escrita que não representa a fronteira à distância: escreve a partir dela, transforma sua experiência em forma literária e nos convida a perceber de quantas memórias, vozes e territórios uma língua pode ser feita.



SUMÁRIO

13 Prefacil - Parapara'i
17 Portuñol és miña língoa, miña patria és la Frontera
20 Mapa dela Triplafrontera

21 PERSONA NON GRATIS

23 Fabulando un poquiño
24 Fallsos amigos
25 La diezcubierta
28 Soñeto contrabandeado
29 Canto du migrante
35 Las amiguiñas
36 Imbenciom dela Frontera
38 Los indiociños
39 Anecdotario trifronterisso
41 Bida calhedjera
45 La tartaruga
47 Epistolario interfronteras
50 Cuadras apátridas
55 Persona non gratis
57 Poética



58 Lo ecxílio de Don Bargas
60 Poscreaciom
61 Lost in translation (I)
63 Déjà vu
64 Palíndromo em portuñol a Ciudá Leste
65 Círcolo natalideño
66 Looping lupus
67 Teorema ibérico
68 Lost in translation (II)
70 Pombiña branca
71 Re-creaciom

73 100 ÃNIOS DE FRONTERA / ALLBOOM DE FAMILHA

105 POSFACIL

105 Portunhol é minha língua, minha pátria é a Fronteira
108 Portuñol es mi lengua, mi patria es la Frontera
111 Portuñol há'e che ñe'ẽ, che retã há'e Tetãkorapy

114 Nota do autor sobre referências diretas e indiretas

117 REFERÊNCIAS

125 O Autor



PREFACIL

Parapara'i

Forzando etimologías que no siempre son precisas, el toponímico Paraná enuncia la semejanza del río con el mar *para* definido por la partícula na, un antiguo étimo tupí-guaraní que sugería parentesco. El *para* en guaraní también significa manchado. De colores alternados, o de todos los colores. Así es el río, cuando arremolina los verdes, grises azulados y blancos. Y puede, con sus colores, arrastrar troncos y sedimento, o agotar las vidas individuales de los que exhiben respiración pulmonar. Como es el mar, en efecto: manchado, colorido en las olas, espuma y arrecifes. Vitalísimo y mortífero. Cuando se asume el Paraná desde su panorama cultural (con acentos, frecuencias, tradiciones culinarias, rostros heterogéneos), se puede sugerir que el Paraná es, en efecto, la región de todos los colores posibles.

Este es el paisaje en el que se inscribe el libro de Fábio Aristimunho. Una topología natural y cultural, que también aparece definida por una cronotopía particular. De un lado a otro de la frontera, se sabe, los horarios suelen cambiar, para ajustarse a mandatos específicos de los Estados y de los mercados, y a veces exceden incluso la propia geografía política: por ejemplo, cuando las fuerzas de trabajo en Ciudad del Este se ven obligadas a trabajar en horario extranjero. Pero furtivo entre estas oscilaciones cronológicas, hay formas de temporalidad más ambiguas que merodean el paisaje.

La frontera de Aristimunho está habitada por fantasmas. Emergen, de pronto, en perfiles contemporáneos, aquellos ademanes históricos: los que gesticularon con lengua europea el conocimiento de las cosas antes ignoradas; los que con lengua indígena profirieron verdades y exageraciones. Cambian los personajes, sustituidos por herederos en sus funciones, pero la locación subsiste, en un paisaje mutado tanto. En este espacio contemporáneo de vitalidad *transborder* y trans-temporal, los fantasmas de Aristimunho estarían perdidos. El Paraná también es el lugar de todos los tiempos posibles.

Herederos de los caingangs, herederos de los guaraníes, de Alejo García y de Álvar Núñez Cabeza de Vaca, de los bandeirantes que fundaron finalmente la frontera, los sujetos líricos trifrontes de Aristimunho inventan sus propias lenguas y sus formas de habitar: descendientes de los primeros turistas, los turistas contemporáneos exploran la experiencia de las tres fronteras desde las posiciones convencionales del consumo paisajístico de las cataratas, pasando por el así llamado "turismo comercial", donde se esconden experiencias gastronómicas, sexuales y lingüísticas. En estos versos, la diferencia prolifera con sus curvas más salvajes, sus perfiles más hostiles para las formas correctas de la cultura dominante. El turista que no es precavido puede ser embaucado, sugiere Aristimunho; y, por qué no, devorado.

Contra las temporalidades efímeras del paisaje transfronterizo en que se desarrollan estos textos, los tiempos laxos, con efectos definitivos, de los latifundistas operan como el contrapunto de una fluidez transformando radicalmente los territorios. Esa pulsión corre paralela, y en la misma dirección que aquella ingenieril potencia de la binacional, Itaipú, de los puentes que enuncian en sus nombres todos los sinónimos de la amistad, pero que esconden los falsos amigos de la lengua y de las aduanas.

Se ha escrito que las independencias de la mayor parte de los países latinoamericanos estuvieron acompañadas por algún texto literario fundacional: el texto fundador de la literatura nacional, el mito de origen. Pese a que este fenómeno no se ha observado en todas las naciones, se puede decir que todo país tiene dos novelas de origen: una jurídica y otra ficcional o poética. La declaración de la independencia tiene dos escudos, como la bandera paraguaya.

¿Se puede decir lo mismo de los procesos de integración regional? Un año después de la firma el Tratado del Mercosur en Asunción, el escritor curitibano Wilson Bueno publica su novela *Mar paraguayo*, escrita en portuñol mezclado con guaraní. La novela, que opera una suerte de restitución espacial poética, construye un paisaje en la lengua para narrar la historia de un personaje atravesado por temporalidades, registros y violencias de carácter heterogéneo. Se funda con este gesto de Bueno una tendencia que encontrará contrapartes en Paraguay, en Uruguay, en Argentina; esto es, todas las geografías en que la interferencia lingüística castellano-portugués-guaraní opera algún tipo de artificio. Pero la inscripción de esta lengua literaria es artificial: no busca ser etnográfica, como tampoco quiere serlo la de Fábio Aristimunho, cuya lengua habita una frontera igual de inventada.

La etnografía del autor se encuentra, acaso, en una dimensión poética, en una elaboración de la frontera desde sus modalidades de traducción. La traducción es una operación en la que siempre se pierde algo; es como en las casas de cambio. Cuando se pasa de real a guaraní, a peso, a dólar. Hay valores que se pierden. Por tanto, ¿por qué no celebrar - así como se cultúa la suma de las denominaciones monetarias tan útiles en los intercambios mal comportados de la frontera - la suma de las lenguas?

En la gran zona franca de facto, la utopía del comercio en que el Mercado domina (pero también presenta flancos débiles, susceptibles de instrumentalización subversiva), en la gran frontera manchada por los colores-insignia de sacoleiros y mototaxistas, sobre este panorama destaca una voz lírica migrante que, de tránsito en tránsito (épico, histórico, personal y familiar, y por tanto genético), se hace esquizofrénica, en el sentido psicoanalítico de fuera de la ley. Parafraseando a Fredi Casco[1], esta voz lírica se presenta como "um cowboy fora da lei". El estatuto fluido de las Tres Fronteras parece habilitar el tránsito irrestricto de una lengua a otra, y se vuelve la condición de existencia del oficio nato de traductor. Pero todo traductor miente. Y, así también, toda persona que se jacta de ser trilingüe o bilingüe pierde la lengua, se pierde en ella, se queda sin palabras.

El álbum familiar con el que concluye el libro de Aristimunho expresa una voluntad biográfica con pretensiones fundadoras y justificadoras: aquí el cruce entre historia y fabulación habilita una nueva frontera, en que una voz parece buscar autorizarse a sí misma, al tiempo de exponer su propia ambivalencia. Como en toda declaración de independencia, el libro tiene, pues, su novela fundacional y su texto jurídico: en este caso, el posfacio, perfectamente traducido, expuesto en las tres lenguas oficiales del Mercosur: el castellano, el portugués, el guaraní.

Damián Cabrera
Asunción, agosto de 2025

1 Nota del editor: Fredi Casco (2008) remite a la expresión "cowboy brasiguayo". Al retomarla, Damián Cabrera amplía la figura poética mediante la caracterización "fuera de la ley", que acentúa su condición fronteriza y su desplazamiento respecto de las identidades y los territorios normativamente delimitados, al tiempo que puede leerse como una alusión a la conocida canción Cowboy fora da lei, de Raul Seixas.

Portuñol és miña língoa, miña patria és la Frontera

Manifiesto perla língoa bífida dela frontera literária

Persona non gratis, este libriño que bocê, leitor, tien n'as máns, és ressulltado delas ecxperimentacions poéticas de suo altor con la língoa hybrida dus cidadõnes fronterissos. Fílio de papá parawadjo & de mãmãn brassilera, nassido em Punta Porã & ressidiente enla Triplafrontera, lo altor des de pequenininho goesta de djoegar con las possivilidás dela lenguadge mestissa enla sua bibéncia trifronterissa. All eledger lo portuñol como meyo de ecxpressiom poética, este libriño representa una reaciom & resisténcia all mercado, buscando opoerse a la dicotômia cientro–periferia.

La regiom fuermada perla frontera entre Ardgentina, Brassiu & Paraway, coñocida como Triplafrontera, possue aspectos sociales & cullturales úmnicos, que a penas mui recientemiente vieem mereciendo l'atenciom dus estudieros. Lo tránssito de personas, lo compartiliamiento de hábitos gastronômicos (têrêrê, ximarrom, sopa parawadja, xurrasco), la abiertura a inmigrantes de procediências dibersas (libanesses, taiwanesses, hispanos de tudas parte, brasileros de tudas regiom), las relacions comerciaes & de emplego, los vínculos de parientesco, lo passado coloniall em comúm, marcado perlas reducions djessuíticas & perlas incursions banderantes, son todos factores que ledgitiman una noeba concepciom du termo "frontera": la frontera

como lugar, como un espácio de socializaciom, bibenciado em comúm por pobos veciños. Máis du que apartar, la "noeba" frontera tien lo condom de aprocximar personas & cullturas.

La literatura em portuñol és uno dus produitos máis dgenuinos d'essa culltura fronterissa. La passadge por estas tiérras, em 1524, de Aleixo García, un portuguéis nel comando d'una ecxpediciom hispañola a camiño de Potossí, integrada por índios guaranys, simbolissaría la primiera viez qu'enla regiom se escutcharon parábolas/paláboras/palabras du portuñol. Interlíngoa que se fuerma du contato entre fablantes du portuguéis & du hispañol, lo portuñol és una lenguadge mestissa, hybrida, nassida enla calhe, que se reimbenta a cada dia. Se caracterissa perla oscilaciom, mantiêndosse permanentemiente abiérta, sen estruiturarse segundo un código previamiente establecido, con la peculiaridá de, enla Triplafrontera, conteer aunda lo substracto du guarany. Non se pretiende una língoa a parte, non se limita a uno léxico estruiturado, non tien una prossódia definida, tan pôco una sintaxi establissada. Constituie uno eficiente recurso de comunicaciom, sobre tudo en situacioes que non ecxigen mayores formalidás nin lo emplego de estratédgias retóricas máis elabradas, taes como lo comêrcio, lo turismo & las relacioes interpersonaes. Nel fin du dia, lo que impuerta és que tudos se entiendieron & se comunicaron.

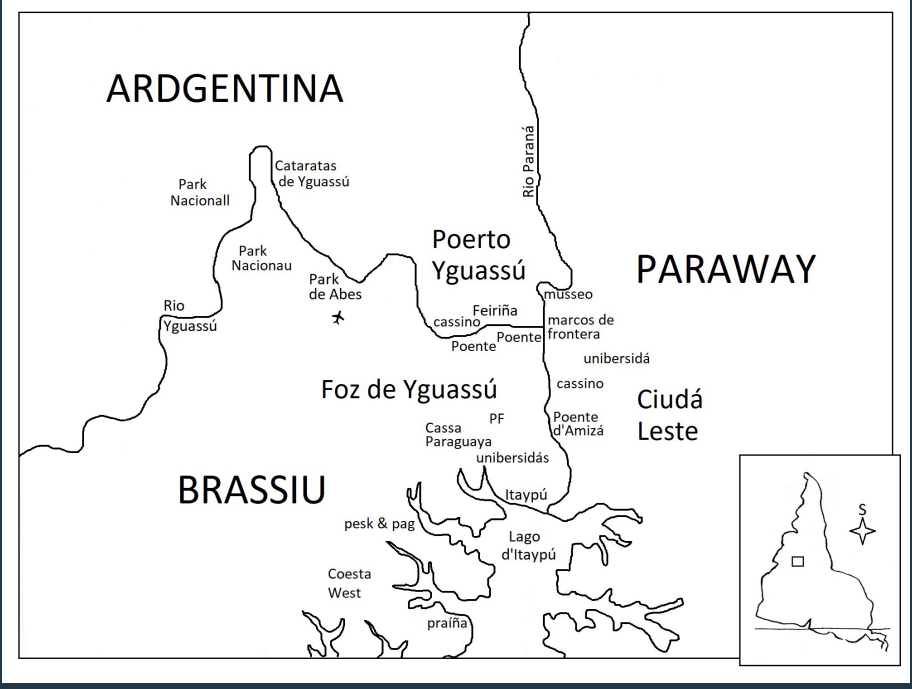
Lo portuñol vien, alls pôcos, se manifiestando enla culltura popular, en uno roctero semeliante all du "português macarrônico", introdussido enla literatura brassilera por Alcântara Machado & Juó Bananére nel início du sígulo binte. Murilo Mendes, nel poema "Tango de Solano López", du libro *História do Brasil* (1932), & Oswald de Andrade, nel libro *Serafim Ponte Grande* (1933), foeron dus primieros

altores brassileros a emplegar lo portuñol en literatura. Lo escriptor & antropólogo ardgentino Néstor Perlongher recoñocieu nel portuñol una possivilidá d'ecxperimentaciom poética, sobre tudo debido a las ambigüidás. Nus kuadriño, era la lenguadge curriente dela tirita *Los três amigos*, con personadges creiados perlos cartunistas Angeli, Glauco, Laerte & Adão Iturrusgarai. Enla mússica, aparece en composicions fronterissas como las cúmbias bagaceras du grupo uruwadjo Terremoto, de Rivera. Lo dramaturgo & escriptor brassilero Caio Fernando Abreu lo emplegô nel coento *A verdadeira estória de Sally Can Dance (and The Kids)*, de 1977. Lo escriptor paranadjensse Wilson Bueno (*Mar paraguayo*, 1992), la escriptora ardgentina Gabriela Bejerman (*Presente perfecto*, 2004), lo escriptor parawadjo Damián Cabrera (*Xirú*, 2012), lo poêta uruguadjo Fabián Severo (*Noite nu norte*, 2017), la escriptora ardgentina Jorgelina Tallei & la escriptora brassilera Renata Alves de Oliveira (*A língua de todos e a língua de cada um*, 2022, & Poemário da fronteira, 2023) & lo poêta & edictor Douglas Diegues – creiador du mobimiento *Portuñol Selvajem* – son essemplos de altores contiemporáneos a adoitar lo portuñol em literatura.

Lo 2024 marcô los 500 ãnios du portuñol enla Frontera, enla regiom dela foz du rio Yguassú. Que nuessa língoa hybrida puessa entornar su cante fronterisso alls ovidos de tudas parte.

Favio Bargas
Frevero/2025

Figura 1 – Mapa dela Triplafrontera



Foente: Vargas, F., 2025.



Adbertencias:

I) Los nombres de dgente & de lugares mencionados n'este libro foeron aportuñolados.

II) Las histôria de frontera son tudo berdadera, pêro non muintcho.





Para miña abó Issabéu,
la úlltima fabulante
natiba du portuñol.

Fabulando un poquiño

Nel Mécxico ecxiste una língoa
  a la míngoa,
que tien dôs fablantes somiente,
  persistientes.
Peleados, elhes non se fablan
  – & l'acaban.

All portuñol passa l'oposto:
  sen un rosto,
tudomundo és seo fabulante
  circunstante.
Que otra língoa s'imbentaría
  tudo dia?



Fallsos amigos

Dexá de s'iludir, bocês qu'ingressan.
Dante Alighieri

Ábrete los ôlios,
bocê que xega
tudo bírdgen de frontera.
Conviên escolier biên
con quiên aquí construir
tuas poentes de amizá.

Aceso non és acceso,
calzada non és calçada,
direção non és dirección,
ferias non son férias,
largo non és largo,
todavía non és todavia.

Fallsos amigos
te dan un pakête
pra passar l'aduana.
Amigos de marca dgenuína
solo te convidan
pr'un têrêrê.

La diezcubierta

A postrero día del dicho mes de enero [...]
Álvar Núñez Cabeza de Vaca
Comentarios, XI

All postreiro dia
du ditcho mes d'jenero
de 1542, despoes
de andar oitcho djornadas
por una tiérra despobolada,
sen achar índio allgum,
iendo camiñando
perla tiérra & la probíncia,
Cabeça de Baca
& sua ecxpediciom
xegaron a un rio
que se xama Yguassú.

Foeron informados
perlos índios naturaes
que ditcho rio entra
nel rio du Paraná,
que anssim miesmo
se xama lo rio
dela Plata, & que
entre lo rio du Paraná
& lo rio de Yguassú
los índios de alhá
habían matado los
portuguiêses que Martín
Alonso de Sosa

embiara a diezcubrir
aquelha tiérra,
enkuanto passaban
lo rio en canoas.

Alertados perlos
índios (perlos índios!),
Cabeça de Baca
& los suos hombres
siguieron nabegando
(siguieron nabegando!)
lo rio de Yguassú
(lo rio de Yguassú!),
em búsqueda du rio
du Paraná, porêm
por ditcho rio
de Yguassú
abaxo era
la corriente
tan
grande
que corrían
las canoas
con muintcha
fúria,
& mui
pierto d'onde
embarcaron
dá lo rio un

sallto

por

umnas

peñas

mui
alltas, & l'água dá un gollpe tan grande
abaxo dela tiérra que
de mui londge
se escutcha,
& la espuma de l'água
cae con
tanta foerça
que suebe l'alltura de duas lanças.

Foe necessario sa-
lir de las canoas &
sacarlas de l'água &
lhebarlas a foerça de
brácios máis de mê-
dia légoa por tiérra haté
passar lo sallto, passando
mui grandes trabadjos
n'aquele mallpasso.

Los natibos locales,
lo diezcobriô
Cabeça de Baca,
foeron los primieros
a embustear turistas
nela foz du Yguassú.

Soñeto contrabandeado[2]

Como trabadjadores, tudos somos
un pôco a cada dia assessinados.
A cada dia un pôco recordados
que traêmos em nuessos cromossomos

lo que seríamos, porêm non fuomos
por nuessa cullpa, poes pôco estudiados.
N'essa guerra fiscau contra esfoerçados,
nuessa enorme maleta, como pomos-

-de-Adán enlas trabestes, nos faría
bisíbleis a la guárdia aduanera,
que non libera haté que se tribute

todo ecxcesso. Habitamos la Frontera
de nós miesmos, & somos lo matute
que és confiscado un pôco cada dia.

Poente d'Amizá, 2009/2011

2 Poema importado du libro Pré-datados (2010) & rebrandado em portuñol. Ver lo bídeo-poema disponíbeu em: youtu.be/Ih3vPVZZDxU.

Canto du migrante[3]

Diezpertarê un dia con estas ruas dessentrañadas de min.
Por elhas non máis andarê como antes n'otras tantas ruas dela Frontera.
Non máis passarê por estas personas que por min passan,
las árvoles floridas dja non me farán otoño.
Non se venderán a min las promocions de las lodjas.
Non lhes darê pelota a las gurías calhedjeras nin elhas me la darán.

Passados ãnios nel destierro,
meos passos passarán como non passassen,
como foessen un só & prolongado ecxpreguiçarse.
Los noebos ecxtraños dja non me serán ecxtraños,
tan pôco ecxtraño lhes serê a elhes,
senembargo alguna dificuldá enla saludaciom.
Los carros, mall los divisarê nel asfallto de alhá,
lo bermedjo du semáforo & lo vierde de las fôlias se mesclando
em miñas retinas confiscadas.

Dja non tropicarê n'estas raíces que me afloran lo camiño.
Dja non pissarê em falso los agulheiros negros
que constelan meo tradjeto abaxo las estrelhas.
Los catchorros sen patria non latirán all meo passar.
Los filipeteros non me direcionarán los seos bolantes.
Los laçadores non me tentarán con seos puteros.

3 Fraguimientos du poema "Canto du migrante" aparecieron perla primiera viez, enla boz de Djiãna Araudjo Pereyra, nel documentario Portuñol (Brassiu, 2020, 70 min., direcciom Thaís Fernãndes).

Los ôlios ecxtraditados dela rua
a me acompañar los passos derraderos, acetcho de suembra.
Todos, des de los mios piés descaussados n'esta caussada quiente
haté lo viento que non suepra,
todos coñocedores de meo destino como si un cuêdigo de barras.

Alls sacoleros que converdgen de tudas parte,
alls mercadores libanesses que facen un prêcio boeno,
a la feroz enerdgía que canta em los filos,
a las águas selbadjes du Yguassú & las domesticadas du Paraná,
alls borratchos binacionáes,
alls fablantes de guarany & guarará,
alls tierroristas imbentados,
alls endgeñeros dgeniósssos & a las tchiperas qu'equilibran la cesta enla cabessa
– a bocês lhes dô a Djos.

Alls brassiguadjos latifundiarios nel Paraway,
alls brassiguadjos sentiérra nel Brassiu,
alls professiores forastieros & los fronterissos,
alls frekuentadores de bailes de vanerom & los foliones du Carnabau de rua,
alls gringos que viéen d'excursiom,
alls estudeantes latinoamericanos sen diñero nel bollsso,
solo ideyas n'a cabessa,
a las FMs que tocan la cúmbia & la catchaca,
a las cassas de câmbio con fundo fallso,
alls debotos dela Bírdgen de Caacupê,

a las kuñakaraí con foego entre las pierna,
alls comerciantes xinos que a penas se comunican
– a bocês lhes dô a Djos.

A las ledgendas urbãnas trifronterissas:
las alemaniñas facieras dela Oktoberfest,
los gaútchos dela frente agrícola,
los xirús amigos con têrêrê enla mán,
los porteños deportados,
los menonitas dela colónia,
los polacos leminskianos curitibanamente distantes,
los coloniños que carégam la caróça,
los que toman leithe quenthe que dá dor nus denthe,
los catarinas du marrreco rrexeado con rrepolho rroxo,
los sulmatogrossensses que non lhes goesta ser xamados matogrossensses,
los paranadjensses, alltoparanadjensses & missionêros non fronterissos
& los paulistas que non están einteindêindu nada,
– a bocês lhes dô a Djos.

Alls guárdias dela dgendarmería ardgentina,
alls federáes brassileros & los milicos parawadjos,
alls muamberos que atiran cigarro dela poente,
alls indiociños que pieden diñero enla Feiriña,
alls cobradores de las vans que crussan los límits,
alls traficantes pressos all acumpliciar los rios,
alls mototaxistas que descamiñan bolando,
a las familhas que se reunen alls domingos enla Cassa Paraguaya,
a las tias djogadoras compulssibas de cassino,
all comêrcio fronterisso que circula cinco diñeros: dolar, euro, guarany, reau, pesso
– a bocês lhes dô a Djos.

Alls que toman mate quiente de verom a verom,
alls que fuman narguile con catchaça,
alls que confunden sopa parawadja con cuscús & la comen con goesto,
alls que pieinssan que tchipa és un pan de quexo c'un buraco nel medio,
alls que voellta & mêdia impuertan una tchipá-guassú,
alls que nunca abrien una cuca sen un cafèciño,
alls que solo toman tê si tien coquito,
alls que non passan la semana sen un shawarma con pasta de álio
– a bocês lhes dô a Djos.

Alls larandjas que atrabiessan l'aduana con lo culo enla mán,
alls motoristas de autobusses apreendidos,
alls taxistas que toman clientes d'otro lado,
alls guias que desbían los viadjeros de robadas,
a las onças que pintan nel Park Nacionau,
alls cambistas desfalcados & los doleros delatados,
a las belhas recepcionistas trilingoes dus hotéles,
alls passeros que transpoertan miudessas,
alls cuatís que nos roban la comida por los dexarnos robar,
alls piás & los gurís, los niños & mita'ís,
a las mininas & las gurías, las niñas & mitakuñás
– a bocês lhes dô a Djos.

A toda la fauna humãna trinacionau & sua flora de saberes translocales,
alls bañistas dela Coesta West & los pescadores clandestinos du lago,
alls termómetros boladores que migran d'Amassoña a Patagoña sen escalas,

alls produitos fallssificados con etiqueta dela marca
requerida,
alls compristas que los compran djustamente por saber lo
que compran,
a las foerças submersas que moeben las turbinas d'Itaypú,
alls que biben enla Frontera pêro non la bibencían
por lhebar la cabessa em Sampablo, Assunciom ou
Boenozaires,
alls destierrados de kualquier parte, naturáes,
naturalissados ou importados
– a bocês tudo djo lhes dô a Djos.

Djo que non valorê lo que tiña
& precissê cotizarlos todos
con ólios d'ecxílio.

Djo, migrante
que non precissarê creiar miña frontera particular
a d'onde m'estabelesca,
poes dja carrego con migo una Frontera incrustada
n'allma.

Djo, d'un lado ñeto de labradores parawadjos
que solo sê labrar palabras,
de l'otro, ñeto de gaútcho de Mato Gruesso
que solo adullto fui gustar de ximarrom,
& d'una abó que fabulaba portuñol de nassida.

Djo, fílio d'una brassilera fília dela Frontera como djo
& fílio d'un refudgiado parawadjo
que aprendiera guarany em contra la vontá dus seos papás.
Djo que nunca me quiz aprender all casteliano en cassa
& que só fui valorar l'hispañol n'Hispânia

& que fui creiado a xurrasco & mandióca
pêro non sê poer la carne nel espeto
& que tomo mate sen nunca prepararme umno
& que non tiña una identidá haté que me diê coenta
– la miña identidá és la Frontera, miña metafíssica és
radicada em Tembe'y.

Tembe'y de meo papá & miña mãmãn & meos abós,
Frontera de miña infáncia & dela infáncia de mios fílios,
Frontera de meos balores meos amores meos sudores,
Tembe'y d'ecxcessos & comiseracions,
Frontera que me afronta & me conforta.

A bocê Tembe'y que és trina & és una,
a bocê Triplafrontera que imbentô una língoa bífida,
miña cabessa meo coraciom miñas entrañas
a bocê lhe dan a Djos.

A Djos, Frontera,
a Djos, a Djos, a Djos...

Las amiguiñas

De viez em kuando Ána Djúlia encoentra María Paz, su'amiguita parawadja, enla cassa dus abós.

Las aprocximan la idá poca & lo goesto comúm por têrêrê.

Fília d'uns compadres mui queridos, María Paz desde ciedo ezercita palabriñas du portuguéis.

– Oi, saludô la mitakuñá.

– Hola, lhe respondieu Ána Djúlia, instruida perlos adulltos.

A pezar d'esse escambo pequenininho, fica cada kuall n'a sua língoa, dientro dela lenguadge universiau dela infáncia que és lo brincar.

Imbenciom dela Frontera

Lo continente s'enxerga
perla bisiom litoránea.
Mas lo imboca la Frontera
c'una boz mediterránea.
D'início la dus kaingangues,
dus guaranys enseguida,
que esta selba pobolaron
de cantos, palabras, bida.

Un dia viéen los incas
nel camiño Peabirú.
Plata & dgente encrussiliadas,
bocaciom du Yguassú.
Passô Aleixo García,
un lusso a mando hispañol:
lo primiero a traficar
palabras du portuñol.

Pero Lobo, banderante
pionero, aquí murieu.
Traçô la Frontera móbeu
entre natibo & europieu.
Aquí Cabeça de Baca
concebiô las Cataratas
– non por lhes dar concretú:
descritas, las fiez abstratas.

Nassien, prosperan, se acaban
las reducions djessuítas.
Enla língoa dus natibos,
seo discurso socialista.
Ontiveros, Vilha Rica,
Ciudá Real, Guayrá:
moerta la língoa d'Hispânia
a ezquierda du Paraná.

Imbêntasse la Frontera
nel Tratado de Madrí.
Los reys, como Salomam,
parten la dgente d'aquí.
Nel papell, palabras mádgicas,
una fórmula verbau
a erguer con piedras de biento
un muro continentau.

Lo resto son narratibas
de ciercas, soberanías.
I los pobos fronterissos
transsienden las dgeografías.
La Frontera fabla c'una
boz selbadje, que bordexa
un continente que tien
dôs litoráneas orexas.

Los indiociños

One little, two little,
Three little indians

Peteín – 1
indiociño
nassiendo

Mokoín – 2
indiociños
n'a taba

Mbohapí – 3
indiociños
sentiérra

Irundhú – 4
indiociños
n'as rua

Peteín po – 1 mán
d'indiociño
pidindo.

Anecdotario trifronterisso

I

Faculldá de medicina nel Paraway, dia de proeba.
Lo professior, un tipo magro, lhe piede a Djasmim que se siente.
– Estoi pegando otra cartera, contesta elha.
– ¿Sos zurda?, prergunta lo professior, des de londge.
– Nô, és que soi cañóta – dize, erguiendo lo brácio ezquierdo.
– ¿Sos zurda?, inssiste.
– Nô, cañóta! – contesta, rríspida.
Lo professior lhe dá de ombro.
– Que cara gruesso, comenta Djasmim c'una amiga, que non entendeo nada.

II

– Como exemplo de acordo solene, temos o Tratado de Assunção de 1991. Se lo considera solemne porque los propios jefes de Estado lo firmaron.
Fabla du Mercossur, intercalando língoas, lo professior de Unila, em Brassiu.
– Pelo Brasil, quem assinou foi o Collor. Por Paraguay, Andrés Rodrígues. Por Agentina fue Menem. Pelo Uruguai, foi o... foi o... El presidente de Uruguay, ¿cómo entonces se llamaba?
– Lacalle, lhe recoerda un alúmino porteño.
– Lacáhxe!, repite, indgenuamente, lo aciento que oviu.
Rissas hispânicas, incomprendidas perla metá lussofablante dela classe.

III

N’un hotêll nel lado ardgentino, la descarga du vasso dispara.
– Buenas tardes. Tengo un problema en el baño de mi habitación – comiença a dezir, em discursso enssaiado & formall, lo hoéspede a la recepcionista.
– Sí, dígame, respuende Leonor, atienta.
– Lo que pasa es que… se ha roto el… este… aquel objeto… así… ubicado en el baño… donde uno se sienta, así… ¿cómo se llama?...
Lhe falltan palabras, que supre con dgestos elokuentes.
Leonor mall disfraça lo espanto nel oliar.
“¿De qué selva tendrá salido este tipo?”, pieinssa elha, demorando una ratazãna a percebir que fablaba c’un brassilero nivêll intermêdio d’hispañol.

Bida calhedjera

para Dju, companiera de bida

– ¿Dónde está Keith?
  Hace días que no la veo.

Foe lo que me prerguntô,
  frente a miña cassa,
una kuñakaraí
  que baxaba la rua.

– Diezcullpe, non sê de quiêm
  la señora está hablando,
aquí non mora ninguna Keith.

– A Keith quê ficaba aquí.
  Bocê ia buscá ela nu colêdgio,
lembra? A catchorrriña.

Ah, era de Dóra, miña
  perrita Dóra,
que elha estava fablando.

  Entón me acordê:
me fuêra umnas dôs beces
  buscar la fudjona
nel coledgiño público
  durante las bacança,
& essa señora parawadja,
  la inspetora,
me tiña dexado entrar.

Mas Dóra continuô
  iendo para lhá?
& la xamaban Keith?

– Síiim, i êla atendjia.
  Fazia a maiôr fêsta,
êra muhito manssa
  con'as criança,
muhito amábeu.

  Tibe que lhe cuentar,
tiña entón uns kuarenta dias.
  Dóra se había morrido,
atropelhada que fuê
  por un auto,
  despoes d'una
de suas pulada du portom.

  Con ôlios maredjados,
la muliér me disse que
  lo pessoall du colédgio
hia ficar muhito triste.

  Que elha tiña acompañado
toda la gravidiez de Keith
  & siempre paraba
nel portom de miña cassa
  pra ver los filiotiños,
inclussibe quería umno.

– Lo siento, face tieimpo

que elhes gañaron cassa.
Ficamos com este,
u Argos, ou Arguto
como adgente xama,
que dja és da familha.

Elodgiô que hadja salido
un filiote tan bonito, blanco
& negro, embuera sen puxar
la manssidom marrom
dela sua madreciña.

Nos despidimos; djo
entrê enla cassa, elha
continuô suo camiño abaxo.

Foê anssim que diezcubrí
la bida paralela de Dóra,
saudóssa Dóra,
que era Keith
para alhêm de nuesso portom.

Que era biên kista
por muintchos
& aliegraba las criancias
du bairrio.

Que por esso
andaba tan fudjona.
Que por esso
non la encuentrábamos
perlas rua
antes du atropelo.

Se anssim és ser
un viralata calhedjero,
espiero que mios fílios
viren muintchas latas
perlas rua dela bida,
& que djo lhes saiba
abrir lo portom
para que non teñan
de pularlo
para gañaren calhe.

La tartaruga

Tan loego se diezpierta
de mãñãziña,
nuesso fílio Hêictor
se aboleta, calentito,
enla cama con'adgente.

Alls treis añiños, elhe
non conssiegue espitchar
lo somno haté máis tarde,
enton instaura una folía
nel kuarto dus papá,
& adgente djoega de facer
xaraditas para elhe.

– Kié kié isso, fílio?,
lhe prergunta la mãmãn,
doblando la pierna
embaxo das cubierta.
– Um foguêtshi!, elhe dispara.
– I agóra?, kuestiona.
– Um castélu!, eridge nel ar.

& anssim prossiéguem.
Una pierna de lado
és una murália.
Brácio erguido, una cabana.
Piés crussados, un cabalo.



– Ólia, mãmãi, u papae
feish uma ta'taruga!,
dize, apuntando
la miña barriga kelônica
cubierta perlas cubierta.

La mãmãn só m'encara,
mordiendo los lábio
pr'abafar lo risso.

Elha sabe que tien
máis un caskiña gruessa
em nuessa cassa
pra me tomar los pelo
& me pegar nus pié.

Epistolario interfronteras

Querido Favio,

Sabe que bocê tien
nombre de personadge
literario du Barroco?
Me face alhembrar
Andrés Fernández
& Sor Juana Inés.

Muhito me alegrece
saber notícias
d'essa sua frontera.
A-cá, como ahí,
n'estes límits
dus ex-trañamientos
& in-trañamientos
lusso-hispânicos,
tambiên culltivamos
essa flor campestre
de Frontera, este
miesmo portuñol
mestisso, bicontinental,
incullto & vélio.

Retomo, querido
amigo, una kuestiom
que bocê me colocô
n'a sua menssadge.
La realidá, Favio,
és que la Frontera
somos nós-otros.
Las barrera que
nos circundan
somos nós-otros
que las creiamos.
Cobramos tarifa
de tudo que los otros
nos trazen & que
de nós-otros lheban.

Nadia és de gracia
n'a Frontera: somos
un mercado común,
una uniom aduanera
sen libre-circulaciom
de personas, a penas
de mercaderías,
de servissos, de capitau.
La Frontera pone
valor ni tudo, Favio.
La Frontera cobra.
La Frontera barra.

Senembargo, Favio,
elha tambiên une.
Las personas que
por nós-otros
transsitan, trafiegan,
non passan de modo
gratuíto, sen lhebar nada,
sen pagar por nada.
Cobramos nuesso
prêcio, Favio:
lo prêcio dela Frontera,
ou sea: nós miesmos.

Que las suas fronteras
permanescan abiértas
& que bocê quede
soberano, mio amigo.

Cuadras apátridas

Portuñol és miña língoa,
miña patria és la Frontera.
Perla bida djo circulo
sen tarifa aduanera.

Non te ofendas, miña amiga,
djo só quiero lo teo biên,
pêro quiero máis que quieiras
ofrecerlo a min tambiên.

Por aquí nada se piérde,
por aquí nada se cria,
como tudo enla Frontera,
haté côpia se copía.

Pós la cúmbia la baxê
& elha disse, entre cariños:
– ¿Quieres ver la miña máquina
de facer paraguadjiños?

Fui pra casa, fui a caça,
fui comprá'una biciclê,
& kuando djo me diê coenta
tiñan comprado bocê.

Oh meos rios dela Frontera,
largos filos por peinar,
kuando xoro, rios, carreguen
miñas lágrimas all mar.

Quiêm sai a caça non casa,
lo seo meo non vira nosso.
Djo, que non salho de casa,
sahir du poço non posso.

Como lo rio Yguassú
desságua nel Paraná,
djo me derramo por ti,
indiaciña cainguá.

Venderê meo coraciom,
te l'ofreço em contrabando,
non kuestiones kuanto cobro
que te digo d'onde & kuando.

Con una tinta borrada
dan visa d'imigraciom,
diferente du país,
que carimba all coraciom.

¿Mercadores sen camelo
son camelôs con mercado?
¿Shawarma all molho tahine
és churras griego enrolado?

Cargar pra cima em baxas,
cargar pra baxo em alltas
– l'ascenssorista tambiên
tien los suos dias de Atlas.

Dices du libre-comêrcio,
me fablas d'integraciom.
Solo sê que si me pagas
te faço l'entregaciom.

¿Ta sudjo? Labô ta noebo,
dja dezía miña abó.
Mas nombre, como diñero,
non límpia el sabom em pó.

– ¿Djarrá djaguatá, djarrá?,
xamê la kuñá-porã.
Si viêns passear con migo,
te devoelvo de mãñã.

Ou l'adjuda tu me das,
ou m'és por Djos agraciada.
Si *obrigado* – djo te debo.
Si dê *gracias* – debo nada.

Moreniña, moreniña,
con la cara mui formossa,
kuando espirras, moreniña,
faces cara de quiêm gossa.

La Frontera está a mardgen,
lo de dentro és lo de fuora.
A su boz interior fálltalhe
una centrifugadora.

Persona non gratis[4]

Aquí enla Frontera,
tudas
las personas somos
un poquiño
trans:
transnacionáes,
transplantados,
transcullturados.
Transformers
con lo chassí raspado
& lataría mêdio
amassada.

Aquí nós-otros,
los transborders,
transicionamos
& transacionamos
sen fronteras.
Somos putas importadas,
mixês de aduana,
maricones
non declarados,
milfs con taxímetro
desligado,
dgiletes trinacionáes
bitributados,

4 Fraguimientos du poema “Persona non gratis” aparecieron perla primiera viez, enla boz de Djiãna Araudjo Pereyra, nel documentario Portuñol (Brassiu, 2020, 70 min., direcciom Thaís Fernãndes).

lesbianas
made in Taiwan,
militares con arma
em puño,
celíbatos traficantes
de amor,
descoñocidos
em rapidhiñas
n'a zona franca,
estibadores de sapituca
nel poerto sêco,
tierroristas
de duty free,
femenistas
em keima de stock,
pederastas mall
pirateados, trabestes
montadas
em maquiladoras
mecxicanas,
patriciñas de frescurita
que non recussam
una tchupada
a cobro reberso.
Persona non gratis,
cada umno.
Transdgeneróssos,
todos.

Qu'enla Frontera,
ou nassiemos
ou veniemos todos
con passapoerte
trans.

Poética

para mio papá
Gregôrio

sintaxi?
– sin taxi

en vano?
– en van no

cruzar
la frontera
a pié.

Lo ecxílio de Don Bargas

para miña irmãn Tánia

Lhes voi a cuentar, amigos, la histôria d'un cidadãno dela Frontera.

Don Bargas xegô nel Brassiu alls diezessiéte ãnios d'idá.

Se refudgiaba dela Guerra Cibiu Parawadja, la Reboluciom dus Pynandí, ou dus Piés Descausso, kuando los liberaes se subelebarom, sen sucesso, em contra la dictadura militar de turno.

Corría, amigos, lo ãnio de 1947.

Los azues que tivieron soerte consseguieron escapar de a pié, de a carrossa, de a nado nel rio Paraná.

Solldado dessarmado, Don Bargas veyo a cabalo, trassiendo, máis alhêm dela ropa du coerpo & la tristessa n'alma, la inclemiente maleita nel suo sangre.

A ciérta alltura du tradjeto para l'ecxílio, ardiente em fiébre, se prostrô, moribundo, a la sombra d'un coquiero, criente de que lo allcanssaba la moerte prematura que nin biên dexara atrás.

Foê kuando un karaí ex-veciño de suo papá, que por alhí pasaba de carrossa, igualmiente refudgiado, lo resgatô, samaritano.

Nel Brassiu, Don Bargas se radicô enla Frontera, virô comerciante, fiez familha & non fortuna.

Bibeu, amigos, sessienta ãnios n'otro lado dela liña imadginaria.

Senembargo, era máis pra lá du que pra cá: nunca quis la naturalizaciom, nunca pierdieu lo sotake nin la esperanssa d'una mudáncia política nel suo tan prócximo, tan distante Paraway.

Ironía das ironía, las suas décadas de ecxilado coincidieron enla medida con lo tieimpo dus colorado nel poder, los miesmos que – dezía elhe – lo ecxpulsiaron de cassa, & tomaron las tiérras de suo papá, & se asseguraron gobiernistas miesmo enla democrácia.

Don Bargas, piadista & cuentador d'histôrias, liberau que nunca recebiô l'amnistía, falecieu nel 8 de feberero de 2008, kuando era dja ciérta la eleicion a pressidiente du bispo Fernando Lugo, un suo primo.

Estaba feliz que la mudáncia afinall se axegaba.

Cuatro anos despoes, em juño de 2012, lo Parlamiento parawadjo, controlado perla oposiciom colorada, destituiô de mañera sumaria lo pressidiente.

Em suo lugar assumiô lo vice, un liberau.

Un liberau!, enfin, enla Pressidéncia.

Mas non era pra ser anssim.

Don Gregôrio Bargas Lugo, amigos, és lo abô que mios fílios non coñocierán.

Poscreaciom

Kuando Djos
nel 8º dia
despertô de soeños intrankilos,
lo verbo
aunda estaba alhí.

Lost in translation (I)

Nel mêdio du camiño de Assunciom,
passaba djo por carretera oscura
kuando me paran umnos policías.

All todo axo que eran trés milicos,
ricamente adornados con fuciles
& pobremente armados de sonrissos.

Como dezían cossas sen sentido
sobre tomar sorbete nel bafómetro,
lo xefe de lo grupo vien a min.

Prerguntô si djo estaba em borrachera.
Non, djo lhe disse, *lo peneu ta boeno*
i na berdá djo beño la du bar.

Debe Usted transitar por la calzada,
disse, & digo qu'entón non tien problema,
djo biña miesmo andando enla calçada.

Fablô que djo lo fice perla acera.
Non, non estaba djo faciendo cera,
andê nel límit de belocidá.

Cuestionoume si tiña dôs triángulos.
Triángulos djo lhe disse que non tiña,
nin de forró, tan pôco un amorosso.

¿Me acordaba de miña direcciom?
Sí, mui biên acordado djo estaba,
djo enla direcciom nunca dormí.

Ordenoume ir un rato a su oficina.
Grácias, pêro non gusto de ver ratos
i lo auto non precisa de consierto.

Me acusô de lhe estar tomando el pelo
& djo, espantado, disse que era lôco,
¿pra que arrancaría djo seos filos?

Kuando mandô los otros arrestárenme,
gritê: *No, non precissan me arrastar!*
Non quiz dexar seo xefe embaraçado!

Prendiêranme, & dissieran que me soelltan,
passado meo estado d'ebriedá,
si em câmbio djo afinau me diezcullpasse

con los policiáes perla ofenssa.
Claro que me discullpo, djo lhes disse,
si u problema és lo câmbio du meo auto,

pêro si és la taxa de lo câmbio,
me discullpo pagando la caxiña
em dólars, guaranys, reáes ou pessos.

Aóra estoi a cá, face dôs dias,
a esperar la respoesta. El compañero
dela cárcer, un tipo dgenerosso,

hoye ofreceume su poronga larga.
Djo aceitê. Mall espero anoitchecer
para tomar un ximarrom caliente.

Déjà vu

para miña irmãn Loo

Dedjabí,
dedjabí:
este instante dja bibí.

Ninguiêm
lo bibiô por min.

Ser ator
em escena
condicionado
por ôlios
que me bixilan.

Mios
própios ôlios
que me bixilan.

Palíndromo em portuñol a Ciudá Leste antigoa Poerto Pressidiente Stroessner

– LA REÑEGO JO, GENERAL!

Círcolo natalideño

para Venigna, mãmãn de frontera

Figura 2 – Círcolo natalideño



Foente: Vargas, F., 2025.

Looping lupus

para mio irmãno Kayo,
que dja bibeu em Corumbá,
Frontera Bolíbia/Brassiu

Lo catchorriño
que aóra voelve
pra sua cassa
¿será lo miesmo
qu'escapuliu?

Acumuladas
ecxperiéncias,
noebas dores,
tallbez amores,
retorna otro.

¿& será otro
lo catchorriño
que aóra escapa?
Retornará
tan diferente.

Indiferente
a estas idéyas
que me retornan
& me retornan
& me retornan –

Teorema ibérico

para mio ta-ta-tarabô
Narciso Ariztimuño,
vasco-descendiente

profanar
paganos
sarcófagos

+

catequizar
índios
antropófagos

=

política
lingüística (toda
via) filipina.

Lost in translation (II)

para miña irmãn San

From: Juan Carlos
To: RH Empresa
Subject: Re: Re: Fw: Re: Cargo de gerente

Fue por algo que dije??

Juan Carlos

> From: RH Empresa
> To: Juan Carlos
> Subject: Re: Fw: Re: Cargo de gerente
>
> Prezado Juan Carlos,
>
> Com pesar informamos ao senhor
> que não será efetivada a sua
> contratação. Por ora decidiu-se
> não preencher a vaga anunciada.
>
> Atenciosamente
>
> RH
>
>> From: Juan Carlos
>> To: Diretor Empresa
>> Subject: Re: Cargo de gerente
>>

>> Estimado senhor:
>>
>> Pela entrevista estou muito obligado
>> e por selecionarme para a praça.
>> Me permito de pronto contestarlhe
>> en portuguéis a seu correio amavel.
>>
>> Perfectamente tenho comprendido
>> suas preocupacioes con a gerencia.
>> Con meus encargos eu não sou zeloso,
>> sei delegar responsavilidades.
>>
>> Evito fomentar a competencia
>> entre os suvordinados, pues sei cuanto
>> a propina lhes é de importante.
>> Por apelidos eu lhes vou chamar
>> a todos, a sembrar formalidade.
>>
>> Me preparo o traslado e todo o resto,
>> ja busco em Buenos Aires a un notario
>> que nos meus documentos acredite.
>> Não, quedarme alejado não será
>> difícil, o único é que é mais costoso
>> ter filios por ahí, que todos dicem
>> que em Brasil a criança costa caro.
>> Porem estou seguro da inversão.
>>
>> Muito atentamente,
>>
>> Juan Carlos



Pombiña branca

Agonisso em dessencanto
Feito un pássaro em sua djaula
Porque descansso djá non teño
Miña linda pombiña branca

Admito non t'encontrar
& vou perdiendo la esperanssa
Lamento la flor que djo agüey
Ingrata pombiña branca

Mio amor tan decidido
Djá agonissa sen esperanssa
Poes me mata tua inconstáncia
Miña belha pombiña branca

Djo non quiéro mais sofrer
Tanto tieimpo esta tristessa
Ven cá cumprir la tua promessa
Con migo pombiña branca

Re-creaciom

Si un idioma
  se fabla,
lo portuñol
  se fabula.

Língoa que la língoa
  imbenta
a cada passo repatriado
  naturalissado
  contrabandeado
enla Frontera.

Portuñol se fabula
  como te
adulça la boca
  un picolê:
meleca las tuas
  máns,
pêro dedgela
  despassito
lo coraciom.

Non se debe tomarlo
  por kualqueira.
Ai que biên
  degustarlo.
Ai que kuási
  escuspirlo.
Ai que sentirlo parpitando

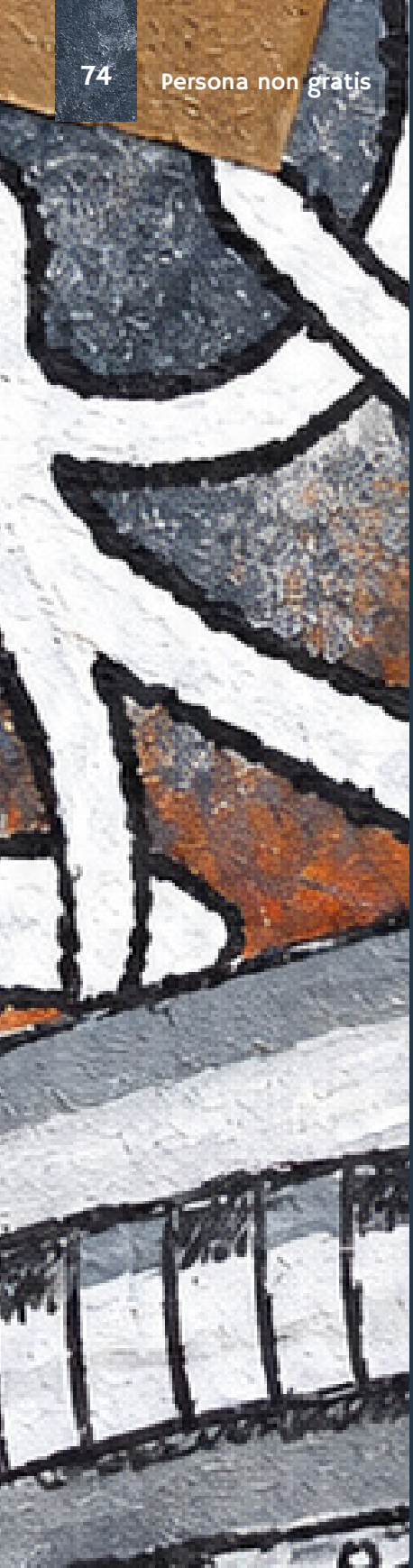
como latido
du catchorro
calhedjero
que traêmos tudos
dientro all peitcho.

Importunar em portuñol,
escreber mesclado,
buscar
la comberdgéncia enla diberdgéncia,
& la diberdgéncia enla comberdgéncia.

Serpentearse umno
con língoa bífida
és un poquiño
se crear
& otro tanto
recrearse.

100 ÃNIOS DE FRONTERA / ALLBOOM DE FAMILHA

relato photobiográphico de 6 dgeracions de fronterissos



Bocê non és de parte allguna enkuanto non teña un moerto embaxo dela tiérra.

Gabriel García Márquez





Agradecio a tia Issolina & a
miña mãmãn
perlas informacions
contrabandeadas.

Figura 3 – Cipriana



Foente: Acerbo familhar, [18--].

Cipriana Ribeyro Ariztimuño (nassida em 1852). Nel verso dela photo se le: “Morreu atrapalhada da cabeça”. Cipriana era pariente colaterau, por parte materna, du Comendador Domingos Faustino Correa (1790-1873), cudjo inventario tramitaría por 107 ãnios & non legaría sinon soeños alls heredeyros.

Figura 4 – Gregorio Cándido & flia. (Artigas, Uruway)



Foente: Acerbo familhar, 1916.

Gregôrio Cándido Ariztimuño, viuvo de Cipriana, con las fílias (Floricio aussente). Nel verso dela photo se le: “A mi buen amigo Saladino y familia. Gregori Aristimunho”. Gregôrio, gáutcho de frontera con ascendéncia vasca, fílio de María Rufina & Narciso Ariztimuño, bibía con la familha entre Artigas & Kwaraí, enla frontera Brassiu/Uruway, haté que se mudaron para Bella Bista, enla frontera Brassiu/Paraway. Despoes d’unos ãnios, dexaron lo fílio Florício nel Brassiu & tornáron a biber em Uruway. All biadjar a Bella Bista para una bissita a Florício, por kuestiom de negôcios mall ressoelltos, Gregôrio sería assessinado, & suo coerpo volvería a Artigas de carrossa, d’onde está enterrado.

Figura 5 – Cel. Simán (Bella Bista, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1925.

Cel. Simán Coello de Souza era viuvo de Narcisa/Nene-ca. Era coronéll de tiérras, non de Foerças Armadas.

Figura 6 – Deometildes, Florício & flia. (Bella Bista, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1920.

Deometildes (fília de Simán & Neneca, nassida em 1891) & Florício Ariztimuño (fílio de Cipriana & Gregôrio Cándido, nassido em 1881), con los fílios (Mário a cima, as ezq.). Nel verso dela photo se le: “Bella Vista, 12 de Julho de 1920. Eu e minha esposa Deometildes em conjunto com nossos filhos dedicamos esta fotografia a minha querida mãe. Floricio Aristimunho”. Kuando los suos papás volveron a Uruway, Florício ficô em Mato Gruesso con espossa & fílios, passando a manteer correspondéncia, sobre tudo, con sua irmãn Êllvia. Ãnios máis tarde, Deometildes, que era coñocida enla familha como bóbó Xina, sería abandonada por un fílio que perdiera lo sitio & los biens dela familha em djogatina, & despoes rescatada, por cassualidá, dela casa de una labadera por una ñeta.

Figura 7 – Nicomedes (Bella Bista Norte, Paraway)



Foente: Acerbo familhar [19--].

Nicomedes Cabrera, cidadãno parawadjo de ascendéncia inglessa & hispañola, viuvo de Gumercinda Monteocas, cidadãna ardgentina, con los fílios. Gumercinda, que había sido deseredada perla familha por enamorar un emplegado de facienda, se foe embuera all Paraway, d'onde coñocieu a Nicomedes despoes de sobrebiber a la gripe hispañola. Em tiérras guaranys, Nicomedes & Gumercinda tuvieron, entre otros, la fília Issabéu.

Figura 8 – Mário (Bella Bista, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1935.

Mário Coello de Souza Ariztimuño, sardgento, fílio de Deometildes & Florício, nassido em 1914. Gáutcho de Mato Gruesso, Mário cierta viez se foe a Uruway em búsqueda dela herância du Comendador Faustino, kuando combinô esfoerços con lo ramo uruwayo dela familha. La lhembrán-cia d'essa bissita és aunda biên bíbida em Artigas.

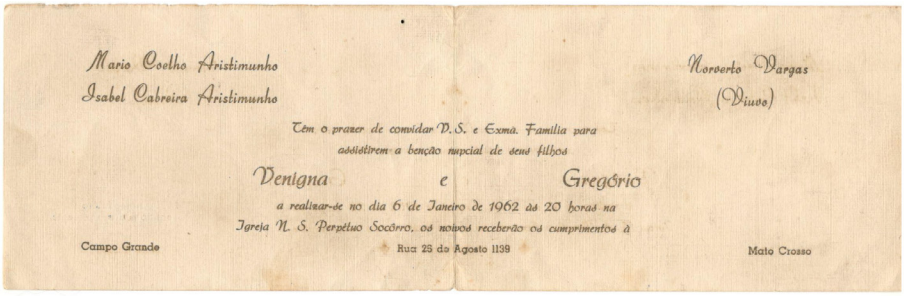
Figura 9 – Mário & Issabéu (Campo Grande, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, [1948 ou 1949].

Mário & Issabéu (sentada; fília de Nicomedes & Gumercinda, nassida em 1918 nel Paraway), papás de all todo 12 fílios que xegaron a bida adullta, con comadre & afiliado. Kuando mossiña, Issabéu era persionada perlos papás a apriender lo portuguéis, máis alhêm d'hispañol & guarany. Porêm, só s'interessô de berdá perla língoa kuando, d'otro lado du rio Apa, n'un baile em Bella Bista a que somiente foe para acompañar a una irmãna, coñocieu a Mário, se apassionô & decidiô d'encerrar lo noibado que tiña c'un caxero viadjante eledgido perlos papás. Mário & Issabéu se cassaron con pôcos dias de coñocidos, & la primiera fília, Issolina, nassieu 9 messes despoes.

Figura 10 – Convitaciom de cassamiento



Foente: Acerbo familhar, 1962a.

Convitaciom para lo cassamiento de Venigna Cabrera Ariztimuño (cidadãna brassilera, fília de Mário & Issabéu, nassida em Bella Bista/BR em 1942) & Gregôrio Bargas Lugo (cidadãno parawayo con ascendéncia indídgena guarany, fílio de Norverto & Donata, nassido em Belên/PY em 1929, ex-solldado & refugdiado dela guerra cibiu parawadja). Nel tecxto, Venina se tornô “Venigna”; Gregorio, “Gregório”; Cabrera, “Cabreira”; Norberto, “Norverto” – proeba de que lo portuñol acompaña la familha.

Figura 11 – Venigna & Gregôrio (Campo Grande, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1962b.

Cassamiento de Venigna & Gregôrio (nel cientro), futuros papás de all todo 5 fílios (Tánia, Kayo, San, Loo & Favio), con Issabéu & Mário enlas ponta. Venigna trabadjaba como caxa enla lodja em que Gregôrio foe atuar como fiscau de dgeréncia

Figura 12 – Carnabau (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1964a.

Blocke de Carnabau de rua em Foz de Yguassú, enla Triplafrontera Ardgentina/Brassiu/Paraway, d'onde Gregôrio & Venigna passaron a biber em 1963. (Allgunos dicen que acá nunca tebe Carnabau – feique nius.) Como comerciante, Gregôrio promobiô muintchas fiéstas & ebentos como esse enla ciudá.

Figura 13 – Gregôrio & Alício (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1964b.

Gregôrio Bargas & Alício Ariztimuño, cuñados, nel rio Yguassú loego a cima delas Catarata. Lo lugar em qu'están talbez sedja lo miesmo d'onde Cabeça de Baca sacô las canoa de l'água pra escapulir de l'armadilha dus índio. Porêm, non se lhebe mui a sério la escena: Gregôrio & Alício estaban faciendo grácia c'un barco qu'encontraron alhá.

Figura 14 – Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1965.

Venigna & Gregôrio (nel cientro), em West Paraná Club de Foz de Yguassú. Tìmidamiente, comiençan de aparecer sonrissos enlas photo.

Figura 15 – Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1966a.

Venigna & Gregôrio (as der.), caracterissados, nel West Paraná Club.

Figura 16 – Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1966b.

Venigna & Gregôrio (de coestas), danciando lo Xamamé, em fiésta de West Paraná Club para arrecaldar foendos para fundaciom dela Cassa Paraguaya em Foz de Yguassú.

Figura 17 – Gregôrio (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1967.

Gregôrio Bargas (as ezq.), pressidiente du ABC F.C. Cierta viez, por sua atuaciom como golêro n'una partida de futsal, Gregôrio foe apodado perla torcida de "Pantêra Negra", em homenadge all golêro sobiético. Senembargo, bastô un úmnico erro n'otro djoego para passaren a xamarlo "Penêra Negra". Gregôrio adoraba cuentar essa histôria, entre rissos, como tantas.

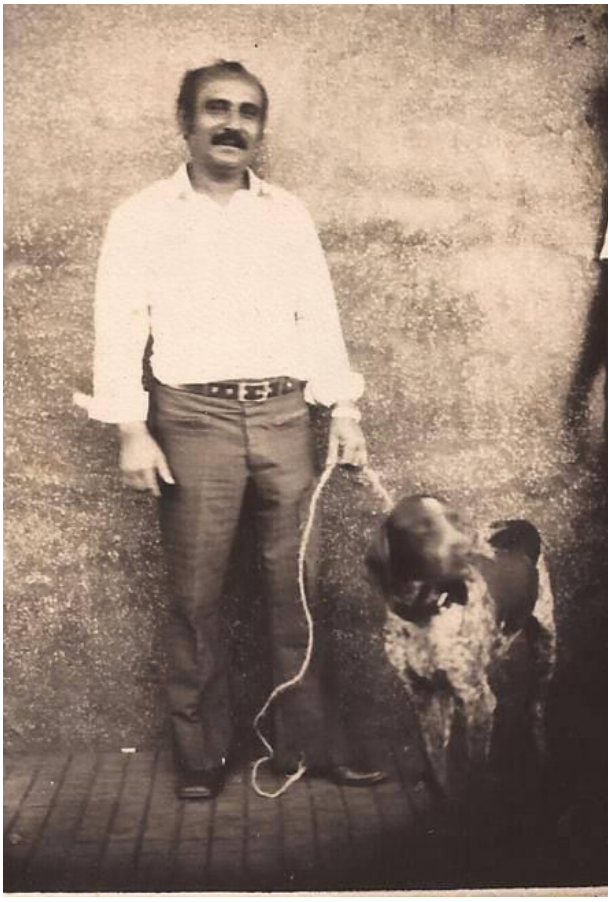
Figura 18 – Venigna & Loo (Pedro Djuan Cabalhero, Paraway)



Foente: Acerbo familhar, 1972.

Venigna & Loo (nel cientro, as ezq.), em cassa de tio Marucho, irmãno de Gregôrio, & de tia Cornélia, nel Paraway. Entre 1972 & 1986, Venigna & Gregôrio biberon con la familha em Punta Porã, ciudá separada de Pedro Djuan Cabalhero por una avenida, enla frontera Brassiu/Paraway.

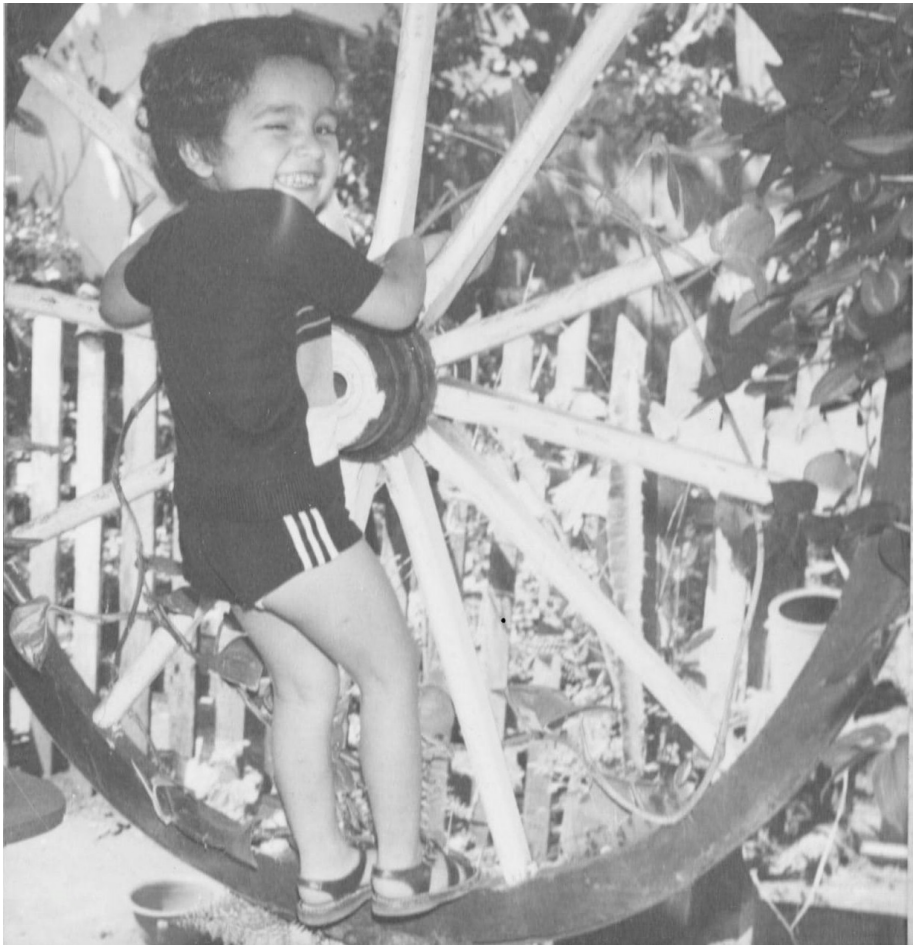
Figura 19 – Gregôrio & Rex (Punta Porã, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1975.

Gregôrio caçaba perdices con la adjuda de Rex, suo perro perdigüero. Lo mêtodo es coñocido: lo catchorro espanta los pássaros, lo caçador atira em umno, lo perro recólie la caça para lo caçador. Senembargo, Gregôrio era muhito ruin de mira, non acertaba nada, entón Rex, impaciente, una hora se canssaba & corría pegar elhe miesmo un pássaro, bibo, & lo tracía enla boca a Gregôrio, tudo faciero.

Figura 20 – Favio Bargas (Punta Porã, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1982.

Favio Ariztimuño Bargas, fílio de Gregôrio & Venigna, nassido em 1977. Enla foto, Favio, alls 4 ãnios d'idá, está n'una cassiña de sapê nel quintau dela cassa, construida por Gregôrio, que instalô alhí una roeda de tcharrete que perteneciêra all suo papá, Norverto Bargas. Posteriormiente, un inquilino la lhebaría embuera.

Figura 21 – Dgincana (Punta Porã, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1984.

Favio, bokiabierto, & sua irmãn Loo, segurando la manzã dependurada. Nel Dia delas Crianza, cada veciño organissaba em frente a sua cassa una brincadera para la dgincãna du bairrio, de que sólo participaban los nínios máis grande. Lo Favio de 6 ãnios pieinssaba: “Falltan somiente 2 ãnios...” Mall sabía qu’enseguida se mudaría conla familha a otra ciudá, d’onde non había las dgincana.

Figura 22 – Camping em familha (Santa Teressiña d'Itaypú, Brassiu)



Foente: Acerbo familhar, 1990.

San, Favio, Gregôrio & Tánia, acampando enla pladja fluviau dela Coesta West, a mardgens du Lago d'Itaypú. Des de agoesto de 1986, la familha tornara a biber em Foz de Yguassú. Tudo domingo, Gregôrio facía xurrasco para la familha & los amigos, sobre tudo enla Cassa Paraguaya, de que Gregôrio & Venigna eran fuendadores. N'essa idá, Favio acompañaba suo papá & suo irmãno viadjando de carro por ciudadeciñas del interior de Paraway.

Figura 23 – Baño em cascata (Poerto Yguassú, Ardgentina)



Foente: Bargas, D., 2004.

Favio em cascata secreta delas Catarata, nel lado ardgentino dela Frontera Ardgentina/Brassiu.

Figura 24 – Famílha Bargas (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Bargas, F., 2006.

Tres dgeracions dela famílha. Favio & Djuliãna Somavilla Gomes (de negro, as der.; nassida em 1980, fília de Djossé & Luísse, un paulista & una catarina, rezpectibamiente de ascendéncia banderante & italhãna) se cassarían n'esse miesmo ãnio, bibendo a princípio em Sampablo &, a partir de 2008, em Foz de Yguassú.

Figura 25 – Ána Djúlia & Dóra (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Bargas, F., 2012a.

Ána Djúlia Gomes Bargas (fília de Favio & Dju, nassida em 2010), con sua perrita Dóra, máis coñocida como Keith enla bicindá.

Figura 26 – Ána Djúlia & María Paz (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Bargas, F., 2012.

Las amiguiñas Ána Djúlia & María Paz, tomando têrêrê.

Figura 27 – Dju, Favio & flia. (Ciudá Leste, Paraway)



Foente: Bargas, F.; 2016.

Dju & Favio (enlas ponta), mãmãn & papá de Ána Djúlia & Hêictor Gomes Bargas (nassido em 2013), em restaurant xino nel Paraway. Em contraste con lo retrato de familha de Gregôrio Cándido, de 1916, ou con lo de Deometildes & Florício, de 1920, temos, a-cá, 100 ãnios despoes, una selfie sonrí-diente de familha, espontánea & informau, todabía iguallmiente enla Frontera.

Figura 28 – Favio & Hêictor (Foz de Yguassú, Brassiu)



Foente: Bargas, S., 2021.
Nota: Favio & Hêictor, con máscara contra la cobid, nel rio Paraná, mirando lo Paraway des del'otra mardgen.

Qu'este allboom de familha permita coñocer un pôco d'as bibéncia dels que biben a mardgen.


SALRAM RLÉÖKUM
MÉR
PV·BR:

POSFACIL

Portunhol é minha língua, minha pátria é a Fronteira

Manifesto pela língua bífida da fronteira literária

Persona non gratis, este livrinho que você, leitor, tem em mãos, é resultante das experimentações poéticas de seu autor com a língua híbrida dos cidadãos fronteiriços. Filho de pai paraguaio e de mãe brasileira, nascido em Ponta Porã e residente na Tríplice Fronteira, o autor desde pequeno gosta de brincar com as possibilidades da linguagem mestiça em sua vivência trifronteiriça. Ao eleger o portunhol como meio de expressão poética, este libreto representa uma reação e resistência ao mercado, buscando opor-se à dicotomia centro–periferia.

A região formada pela fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, conhecida como Tríplice Fronteira, possui aspectos socioculturais únicos, que apenas recentemente vêm merecendo a atenção dos estudiosos. O trânsito de pessoas, o compartilhamento de hábitos gastronômicos (tererê, chimarrão, sopa paraguaia, churrasco), a abertura a imigrantes de procedências diversas (libaneses, taiwaneses, hispano-americanos, brasileiros de todas as regiões), as relações comerciais e de emprego, os vínculos de parentesco, o passado colonial em comum, marcado pelas reduções jesuíticas e pelas incursões bandeirantes, são todos fatores que legitimam uma nova concepção do termo “fronteira”:

a fronteira como lugar, como um espaço de socialização, vivenciado em comum por povos vizinhos. Mais do que apartar, a "nova" fronteira tem o condão de aproximar pessoas e culturas.

A literatura em portunhol é um dos produtos mais genuínos dessa cultura fronteiriça. A passagem por estas terras, em 1524, de Aleixo Garcia, um português no comando de uma expedição espanhola a caminho de Potosí, integrada por índios guaranis, simbolizaria a primeira vez que na região se ouviram palavras do portunhol. Interlíngua que se forma do contato entre falantes do português e do espanhol, o portunhol é uma linguagem mestiça, híbrida, nascida na rua, que se reinventa a cada dia. Caracteriza-se pela oscilação, mantendo-se permanentemente aberta, sem estruturar-se segundo um código previamente estabelecido, com a peculiaridade de, na Tríplice Fronteira, conter ainda o substrato do guarani. Não se pretende uma língua à parte, não se limita a um léxico estruturado, não tem uma prosódia definida, tampouco uma sintaxe estabilizada. Constitui um eficiente recurso de comunicação, sobretudo em situações que não exigem maiores formalidades nem o emprego de estratégias retóricas mais elaboradas, tais como o comércio, o turismo e as relações interpessoais. No fim do dia, o que importa é que todos se entenderam e se comunicaram.

O portunhol vem, aos poucos, se manifestando na cultura popular, em um roteiro semelhante ao do "português macarrônico", introduzido na literatura por Alcântara Machado e Juó Bananére no início do século XX. Murilo Mendes, no poema "Tango de Solano López", do livro *História do Brasil* (1932), e Oswald de Andrade, no livro *Serafim Ponte Grande* (1933), foram dois dos primeiros autores brasileiros a empregar o portunhol na literatura. O escritor e antropólogo argentino Néstor Perlongher reconheceu no portunhol uma

possibilidade de experimentação poética, sobretudo devido às ambiguidades. Nos quadrinhos, era a linguagem corrente das tirinhas de *Los três amigos*, com personagens criados pelos cartunistas Angeli, Glauco, Laerte e Adão Iturrusgarai. Na música, aparece em composições fronteiriças como as "cúmbias bagaceiras" do grupo uruguaio Terremoto, de Rivera. O dramaturgo e escritor brasileiro Caio Fernando Abreu o empregou no conto *A verdadeira estória de Sally Can Dance (and The Kids)*, de 1977. O escritor paranaense Wilson Bueno (*Mar paraguayo*, 1992), a escritora argentina Gabriela Bejerman (*Presente perfecto*, 2004), o escritor paraguaio Damián Cabrera (Xirú, 2012), o poeta uruguaio Fabián Severo (*Noite nu norte*, 2017), a escritora argentina Jorgelina Tallei e a escritora brasileira Renata Alves de Oliveira (*A língua de todos e a língua de cada um*, 2022, e *Poemário da fronteira*, 2023) e o poeta e editor Douglas Diegues – criador do movimento *Portunhol Selvagem* – são exemplos de autores contemporâneos a adotar o portunhol na literatura.

2024 marcou os 500 anos do portunhol na Fronteira, na região da foz do rio Iguaçu. Que nossa língua híbrida possa entoar seu canto fronteiriço aos ouvidos de todas as partes.

Fábio Aristimunho Vargas
Fevereiro/2025

Portuñol es mi lengua, mi patria es la Frontera

Manifiesto por la lengua bífida de la frontera literaria

Persona non gratis, este librito que tienes, lector, en manos, resulta de las experimentaciones poéticas de su autor con la lengua híbrida de los ciudadanos fronterizos. Hijo de padre paraguayo y de madre brasileña, nacido en Ponta Porã y residente en la Triple Frontera, al autor, desde niño, le gusta jugar con las posibilidades del lenguaje mestizo en su vivencia trifronteriza. Al elegir el portuñol como medio de expresión poética, este librito representa una reacción y resistencia al mercado, buscando oponerse a la dicotomía centro–periferia.

La región formada por la frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay, conocida como Triple Frontera, posee aspectos sociales y culturales únicos, que apenas vienen captando la atención de los investigadores. El tránsito de personas, hábitos gastronómicos compartidos (mate, tereré, sopa paraguaya, churrasco), la apertura a inmigrantes de procedencias diversas (libaneses, taiwaneses, hispanoamericanos, brasileros de todas las regiones), las relaciones comerciales y de empleo, los vínculos de parentesco, el pasado colonial en común, marcado por las reducciones jesuíticas y por las incursiones *bandeirantes*, son todos factores que legitiman una nueva concepción del término "frontera": la frontera como lugar, como un espacio de socialización, experimentado en común por pueblos vecinos. Más allá de apartar, la "nueva" frontera tiene la capacidad de aproximar personas y culturas.

La literatura en portuñol es uno de los productos más genuinos de la cultura fronteriza. El pasaje por estas tierras, en 1524, de Aleixo Garcia, un portugués en el comando de una expedición española camino a Potosí, integrada por indios guaraníes, simbolizaría la primera vez que en la región se escucharon palabras del portuñol. Interlengua que se forma del contacto entre hablantes del portugués y del español, el portuñol es un lenguaje mestizo, híbrido, nacido en la calle, que se reinventa cada día. Se caracteriza por la oscilación, manteniéndose permanentemente abierto, sin estructurarse según un código previamente establecido, con la peculiaridad de, en la Triple Frontera, contener todavía el substrato del guaraní. No se pretende una lengua apartada, no se limita a un léxico estructurado, no tiene una prosodia definida, tampoco una sintaxis estabilizada. Constituye un efectivo recurso de comunicación, sobre todo en situaciones que no exigen mayores formalidades ni el empleo de estrategias retóricas más elaboradas, tales como el comercio, el turismo y las relaciones interpersonales. Al fin del día, lo que importa es que todos se hayan comprendido y comunicado.

El portuñol a poco se viene manifestando en la cultura popular, con un sendero semejante al del "português macarrônico", introducido en la literatura brasileña por Alcântara Machado y Juó Bananére a principios del siglo XX. Murilo Mendes, en el poema "*Tango de Solano López*", del libro *História do Brasil* (1932), y Oswald de Andrade, en el libro *Serafim Ponte Grande* (1933), fueron algunos de los primeros autores brasileños a emplear el portuñol en literatura. El escritor y antropólogo argentino, Néstor Perlongher, reconoció en el portuñol una posibilidad de experimentación poética, sobre todo debido a las ambigüedades. En historietas, era el lenguaje corriente

de *Los três amigos*, creado por los dibujadores brasileños Angeli, Glauco, Laerte y Adão Iturrusgarai. En la música, aparece en composiciones fronterizas como las "*cumbias bagaceras*" del grupo uruguayo *Terremoto*, de Rivera. El dramaturgo y escritor brasileño Caio Fernando Abreu lo empleó en el cuento *A verdadeira estória de Sally Can Dance (and The Kids)*, de 1977. El escritor brasileño paranaense Wilson Bueno (*Mar paraguayo*, 1992), la escritora argentina Gabriela Bejerman (*Presente perfecto*, 2004), el escritor paraguayo Damián Cabrera (*Xirú*, 2012), el poeta uruguayo Fabián Severo (*Noite nu norte*, 2017), la escritora argentina Jorgelina Tallei y la escritora brasileña Renata Alves de Oliveira (*A língua de todos e a língua de cada um*, 2022, y *Poemário da fronteira*, 2023), y el poeta y editor Douglas Diegues – creador del movimiento *Portuñol Salvaje* – son ejemplos de autores contemporáneos a adoptar el portuñol en literatura.

El 2024 marcó los quinientos años del portuñol en la frontera, en la región de la foz del río Iguazú. Que nuestra lengua híbrida pueda entonar su canto fronterizo a los oídos de todas las partes.

Fábio Aristimunho Vargas
Febrero/2025

Portuñol ha'e che ñe'ẽ, che retã há'e Tetãkorapy

Haipy mokoĩ ñe`ẽ tetãkorapy ñe'ẽporãhaipyre rehegua

Persona non gratis, ko aranduka'imi nde reguerekóva, moñe'ẽhára, nde pópe, osẽ umi apora'ãteĩ poética-gui haihára orekóva lengua bifurcada tetãkorapy-pe. Túva paraguayo ha isy brasileña memby, heñóiva Ponta Porãme ha oikóva Triple Frontera-pe, haihára oguerohory oñembosarái umi posibilidad lenguaje híbrido orekóva experiencia trifrontera imitã guive. Oiporavóvo portuñol ha'éva medio de expresión poética, ko aranduka'i ohechauka pu'ã ha jepytaso mercado-pe, ohekávo ombocháke dicotomía mbyte-mombyrygua.

Ko tavapehẽ omoheñóiva tetãkorapy Argentina, Brasil ha Paraguay, ojekuaáva tetãkorapy, orekóva aspecto social ha cultural rehegua ijojaha'ÿva, haimeteva oipyhýva atención investigador-kuéra. Pe guata tapichakuéra rehegua, jepokuaa tembi`u rehe omboja`ova hina (mate, tereré, sopa paraguaya, churrasco), omoguahêva ambue tapichakuerape tetã ambue pegua opavave tetãgui (libaneses, taiwaneses, hispanoamericanos, brasileros oparupigua), jukupyty ñemurenda ha mba`apo, Apytĩ ñopehẽngue, pe ymaguare colonial jepigua oñemarkava'ekue jesuitakuerare ha *bandeirantekuera* há'e paite umi mba'e ojejapóva ohechauka haguã temimo'ã pyahu "frontera" rehegua: frontera ha`eha tenda, oñembojoaju haguã tekovekuera, apora'ãteĩ jepigua tavakuera ykereguakuera. Ambue tetãkorapy oguereko pe katupyry omo`agui tekovepe ha arandupy.

Pe ñe'ẽporãhaipyre portuñol há'e mba'eapopyre hekopegua pe arandupy tetãkorapy pegua. Jahasa ko'ãva yvyrupi 1524 pe Aleixo Garcia, peteĩ portugués oisãmbyhýva peteĩ tembiasakue española ohóva Potosí gotyo, oñembojoajúva indio guarani kuera ndive, ombojeguáva peteĩha jey oñehendu portuñol ñe'ẽ ko región-pe. Peteĩ ñe'ẽjoaju ojejapova'ekue ojoajúgui umi oñe'ẽva portugués ha castellano-pe, portuñol ha'e peteĩ ñe'ẽ mestizo, híbrido, heñóiva tape rehe, oñeinventa jeýva ára ha ára. Ojekuaa tytýi, opytáva ko`yte pe`ape, ndahetepyi peteî código oñemopyendáva yma, orekóva mba`e teete, Triple Frontera-pe, oreko gueteri sustrato guaraní. Peteĩ ñe'ẽ ha'eño noñeha'ãi, ndaha'éi léxico hetepyva-pe añónte, ndorekói peteĩ prosodia ojedefiniva'ekue, ni ndorekói peteĩ sintaxis opytava. Omopyenda aporeko ñe'ẽkuaamyasãi ha`eve, mba'erãite umi teko noikotevëiva hekoicha tuichavéva térã ojeporúvo akãporukuaa ñe'ẽjoaju rehegua ojejapova, ha'eháicha ñemurenda, guataha ha joajukuéra rehegua. Opávo pe ára, pe iñimportánteva ha'e opavave ontende ha oñemongeta hague.

Mbeguekatúpe, portuñol ojehechauka ohóvo arandupy popular-pe, tape ojoguáva "português macarrônico"-pe, omoingéva literatura brasileña-pe Alcântara Machado ha Juó Bananére oñepyrûvo siglo XX. Murilo Mendes, ñe'ẽpoty "Tango de Solano López"-pe, aranduka *História do Brasil* (1932)-gui, ha Oswald de Andrade, aranduka *Serafim Ponte Grande* (1933)-pe, ha'e peteĩva umi haihára Brasil pegua ypykue oipuruva'ekue portunhol. Haihára ha antropólogo argentino Néstor Perlongher ohechakuaa portuñol-pe ikatuha ojejapo experimentación poética, opa mba'e ári oîgui umi ambigüedad. Umi banda ta`anga-pe, ha'eva'ekue. Umi mbohapy ñoangirũ ñe'ẽ ko'ágagua, omoheñóiva umi caricaturista brasileño Angeli, Glauco, Laerte ha Adão

Iturrusgarai. Música-pe, ofigura composiciones fronterizas ha'eháicha "cumbias bagaceiras" grupo Terremoto, ojapóva Rivera. Karai ñoha'angahára ha haihára Brasil pegua Caio Fernando Abreu oipuru mombe'upy 1977-pe hérava *A verdadeira estória de Sally Can Dance (and The Kids)*, 1977. Haihára brasileño Paraná Wilson Bueno (*Mar paraguayo*, 1992), haihára Argentina-gua Gabriela Bejerman (*Presente perfecto*, 2004), haihára paraguayo Damián Cabrera (*Xirú*, 2012), haihára uruguayo Fabián Severo (*Noite nu norte*, 2017), haihára Argentina-gua Jorgelina Tallei ha Haihára brasileña Renata Alves de Oliveira (*A língua de todos e a língua de cada um*, 2022, ha *Poemário da fronteira*, 2023) ha ñe'ẽpapára ha editor Douglas Diegues – movimiento Portuñol Salvaje apohare – ha'e techapyrã umi haihára ko'ağagua oipyhýva portuñol ñe'ẽporãhaipyrépe.

Ary 2024-pe omboty 500 ary Portuñol Frontera-pe, región río Iguazú-pe. Ñane ñe'ẽ híbrido ikatuha opurahéi ipurahéi frontera rehegua opavave partido apysápe.

Fábio Aristimunho Vargas
Jasykõi ary 2025-pe

(Traducciom all guarany / Tradução ao guarani / Traducción al guaraní / Ñe'ẽasahára: Jorge Chamorro)

Nota do autor sobre referências diretas e indiretas

Alguns fragmentos dos poemas reunidos neste livro tiveram circulação anterior à presente edição. Partes de *Canto du migrante* e *Persona non gratis* foram publicadas em *Relatos em fronteira*, organizado por Diana Araujo Pereira (2011, p. 26-30). Posteriormente, ela oralizou os dois poemas no documentário *Portuñol*, dirigido por Thais Fernandes.

O *Mapa dela Triplafrontera* expressa um imaginário cartográfico presente na região da Tríplice Fronteira e constitui uma releitura parcial de *América invertida*, desenho produzido por Joaquín Torres García em 1943. A inversão cartográfica proposta pelo artista uruguaio desloca a orientação convencional dos mapas e afirma uma perspectiva latino-americana a partir do Sul. O mapa apresentado neste livro retoma esse gesto e o situa no espaço vivido da Tríplice Fronteira.

A epígrafe do poema *Fallsos amigos (“Dexá de s’iludir, bocês qu’ingressan”)* é uma livre transversão para o portunhol de um verso de *A divina comédia*. No original italiano, lê-se: “*Lasciate ogne speranza, voi ch’intrate*”. Na tradução de Italo Eugenio Mauro: “Deixai toda esperança, ó vós que entrais” (Alighieri, 1998, p. 37). A transversão retoma o verso inscrito na entrada do Inferno e o desloca para o universo linguístico e poético da fronteira.

O poema *La diezcubierta*, excetuados seus seis últimos versos, adapta poeticamente o relato de Álvar Núñez Cabeza de Vaca sobre a passagem de sua expedição pelas Cataratas

do Iguaçu, em 1542. Segundo o cronista, ao navegar pelo rio Iguaçu, a expedição encontrou uma correnteza intensa e precisou retirar as canoas da água e transportá-las por terra para contornar o salto:

> E yendo por el dicho río de Iguazu abajo era la corriente de él tan grande, que corrían las canoas por él con mucha furia; y esto causó que muy cerca de donde se embarcó da el río un salto por unas peñas abajo muy altas, y da el agua en lo bajo de la tierra tan grande golpe, que de muy lejos se oye; y la espuma del agua, como cae con tanta fuerza, sube en alto dos lanzas y más; por manera que fue necesario salir de las canoas y sacarlas del agua y llevarlas por tierra hasta pasar el salto, y a fuerza de brazos las llevaron más de media legua, en que se pasaron muy grandes trabajos; salvado aquel mal paso [...] (Cabeza de Vaca, 2003, p. 163–164).

O poema *Pombiña branca* é uma recriação poética da canção "Paloma blanca", de Neneco Norton, que mescla espanhol e guarani (*jopará*).

Na abertura de *100 Ãnios de Frontera*, a epígrafe "*Bocê non és de parte allguna enkuanto non teña un moerto embaxo dela tiérra*", atribuída a Gabriel García Márquez, constitui uma transversão para o portunhol de uma passagem de *Cem anos de solidão*. No original espanhol: "*Uno no es de ninguna parte mientras no tenga un muerto bajo la tierra*" (García Márquez, 2007, p. 25). Na tradução brasileira de Eric Nepomuceno: "Ninguém é de parte alguma enquanto não tiver um morto debaixo da terra" (García Márquez, 2009, p. 18-19).

O original espanhol emprega *uno*, pronome indefinido de valor genérico, para designar qualquer pessoa de maneira indeterminada: literalmente, algo próximo de "uma pessoa não é de parte alguma". A tradução brasileira opta por "ninguém", pronome igualmente indefinido, mas integrado a uma construção negativa. Diante dessa diferença, a versão em portunhol procura uma terceira solução: emprega a segunda pessoa, *bocê*, preservando o sentido geral da proposição e aproximando o enunciado da interlocução direta.

REFERÊNCIAS

ACERBO FAMILIAR. **Baño em cascata (Poerto Yguassú, Ardgentina, 2004)**. 2004. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Camping em familha (Santa Teressiña d'Itaypú, Brassiu, 1990)**. 1990. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Carnabau (Foz de Yguassú, Brassiu, c. 1964)**. 1964a. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Cel. Simán (Bella Bista, Brassiu, 1925).** 1925. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Cipriana. 2025. 1 fotografia.**

ACERBO FAMILIAR. **Convitaciom de cassamiento (1962)**. 1962a. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Deometildes, Florício & flia. (Bella Bista, 1920)**. 1920. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Dgincana (Punta Porã, 1984)**. 1984. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Familha Bargas (photo con timer; Foz de Yguassú, 2006)**. 2006. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Favio Bargas (Punta Porã, 1982)**. 1982. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Gregorio Cándido & flia. (Artigas, Uruway, 1916)**. 1916. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Gregôrio & Alício (Foz de Yguassú, c. 1964)**. 1964b. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Gregôrio & Rex (Punta Porã, Brassiu, c. 1975)**. 1975. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Gregôrio (Foz de Yguassú, 1967)**. 1967. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Mário & Issabéu (Campo Grande, 1948 ou 1949).** [1948 ou 1949]. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Mário (Bella Bista, 1935)**. 1935. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Nicomedes (Bella Bista Norte, Paraway)**. [s. d.]. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Venigna & Gregôrio (Campo Grande, Brassiu, 1962)**. 1962b. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, c. 1965)**. 1965. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, 1966)**. 1966a. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Venigna & Gregôrio (Foz de Yguassú, 1966).** 1966b. 1 fotografia.

ACERBO FAMILIAR. **Venigna & Loo (Pedro Djuan Cabalhero, Paraway, 1972)**. 1972. 1 fotografia.

ABREU, Caio Fernando. A verdadeira estória de Sally Can Dance (and The Kids). In: ABREU, Caio Fernando. **Pedras de Calcutá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: Inferno**. Edição bilíngue. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1990.

ANGELI; GLAUCO; LAERTE. **Los 3 amigos: sexo, drogas y guacamoles**. São Paulo: Ensaio, 1992.

BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 19–32, maio 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/10546. Acesso em: 31 ago. 2026.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BANANÉRE, Juó. **La divina increnca**. Obra indicada para documentar a menção ao português macarrônico de Juó Bananére. A edição efetivamente utilizada deverá ser confirmada antes da normalização definitiva.

BARGAS, Favio. **Ána Djúlia & Dóra (Foz de Yguassú, 2012)**. 2012a. 1 fotografia.

BARGAS, Favio. **Ána Djúlia & María Paz (Foz de Yguassú, 2012)**. 2012b. 1 fotografia.

BARGAS, Favio. **Círcolo natalideño.** 2025. Poema visual.

BARGAS, Favio. **Dju, Favio & flia. (Ciudá Leste, Paraway, 2016)**. 2016. 1 fotografia.

BARGAS, Favio. **Mapa dela Triplafrontera**. 2025. 1 mapa. Composição original em releitura parcial de **América invertida**, de Joaquín Torres García.

BARGAS, Favio. Portuñol és miña língua, miña pátria és la frontera. In: PEREIRA, Diana Araujo; RECALDE GODOY, Leidy J. (org.). **Paisaje trifonteirizo: Antologia Ciudad del Este**. Foz do Iguaçu: Tereré Cartonera, 2016.

BARGAS, Favio. **Soñeto contrabandeado**. Vídeo-poema derivado do livro **Pré-datados**. Disponível em: https://youtu.be/Ih3vPVZZDxU. Acesso em: 31 ago. 2026.

BARGAS, S. **Favio & Hêictor (Foz de Yguassú, 2021)**. 2021. 1 fotografia.

BEJERMAN, Gabriela. **Presente perfecto**. Buenos Aires: InterZona, 2004.

BUENO, Wilson. **Mar paraguayo**. São Paulo: Iluminuras; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1992.

CABRERA, Damián. **Xirú**. Assunção: Ediciones de la Ura, 2012.

CABEZA DE VACA, Álvar Núñez. **Naufragios y Comentarios**. Madrid: Promo Libros, 2003.

CASCO, Fredi. **Cowboy brasiguayo & otros mensajes del p(o)lvo**. Assunção: Yiyi Jambo, 2008.

DEGLI ATTI, Francesca. Língua, poesia e rebelião em Douglas Diegues: resistência cultural e educação literária. **Signótica**, Goiânia, v. 36, e77175, 2024. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/77175. Acesso em: 31 ago. 2026.

DIEGUES, Douglas. **Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002.

DIEGUES, Douglas. El portunhol y el portunhol selvagem. **Portunhol Selvagem**, jan. 2007. Disponível em: https://portunholselvagem.blogspot.com/2007/01/el-portunhol-y-el-portunhol-selvagem-1.html. Acesso em: 31 ago. 2026.

DIEGUES, Douglas. La gracia de lo inusitado. Entrevista. **InterZona**, Buenos Aires, 2015. Disponível em: https://interzonaeditora.com/noticias/douglas-diegues-la-gracia-de-lo-inusitado-766. Acesso em: 31 ago. 2026.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cien años de soledad.** Edição comemorativa da Real Academia Española e da Asociación de Academias de la Lengua Española. Madrid: Alfaguara, 2007. Reimpressão de 2017.

GRUPO TERREMOTO. **Bota o chaleco**. Disponível em: https://youtu.be/AxkxjwaQKWU. Acesso em: 31 ago. 2026.

GRUPO TERREMOTO. **El galán**. Disponível em: https://youtu.be/0q9UzKIYCoI. Acesso em: 31 ago. 2026.

GRUPO TERREMOTO. **La suegra**. Disponível em: https://youtu.be/QtOaHJWN75w. Acesso em: 31 ago. 2026.

JÚNIOR, Paulo Maria; PEREIRA, Diana Araujo. Pensar e escrever a partir da fronteira. **Texto Poético**, v. 16, n. 29, p. 133–154, jan./abr. 2020. DOI: https://doi.org/10.25094/rtp.2020n29a646.

MACHADO, António de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda.** São Paulo: [s. n.], 1927. Obra indicada para documentar a menção à incorporação literária do falar ítalo-brasileiro por Alcântara Machado.

MENDES, Murilo. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PEREIRA, Diana Araujo (org.). **Relatos em fronteira.** Foz do Iguaçu: UNILACartonera, [2011].

PEREIRA, Diana Araujo; RECALDE GODOY, Leidy J. (org.). **Paisaje trifonteirizo**: Antologia Ciudad del Este. Foz do Iguaçu: Tereré Cartonera, 2016.

PERLONGHER, Néstor. El portuñol en la poesía. **Tsé-Tsé**, Buenos Aires, n. 7–8, p. 254–259, outono 2000. Disponível em: https://ahira.com.ar/ejemplares/tse-tse-n-7-8/. Acesso em: 31 ago. 2026.

PORTUÑOL. Direção: Thais Fernandes. Roteiro: Thais Fernandes e Boca Migotto. Produção: Fabiano Florez, Jéssica Luz e Mariana Mêmis Müller. Porto Alegre: Vulcana Cinema, 2020. 1 filme (70 min), son., color. Disponível em: https://vulcanacinema.com/en/portunol/. Acesso em: 31 ago. 2026.

REISDORFER, Ana Cláudia Zimmer; TALLEI, Jorgelina Ivana. Escrever entre línguas: o portunhol nos cadernos escolares em contextos multilíngues como forma de existir e pertencer. **Revista Transmutare,** Curitiba, v. 10, e20642, 2026. DOI: https://doi.org/10.3895/rtr.v10n0.20642.

SEVERO, Fabián. **Noite nu Norte: versión anoitesida**. Ilustrações de Jorge Mato. Montevidéu: Kapparazón Ediciones, 2017.

TALLEI, Jorgelina; MARTINS, Lorena Silva. **A menina que falava portunhol**. Rio de Janeiro: Telha, 2024.

TALLEI, Jorgelina; OLIVEIRA, Renata Alves de. **A língua de todos e a língua de cada um**. Ilustrações de Laura Zanon Irineu. Recife: Pipa Comunicação, 2022.

TALLEI, Jorgelina; OLIVEIRA, Renata Alves de. **Poemário da fronteira**. Ilustrações de Karla Vidal. Recife: Pipa Comunicação, 2023.

TALLEI, Jorgelina; VIDAL, Karla. Mercado editorial e a literatura escrita em portunhol. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 280–301, 2025. DOI: https://doi.org/10.21165/gel.v21i2.3734.

TORRES GARCÍA, Joaquín. **América invertida**. 1943. Desenho a tinta sobre papel, 22 × 16 cm. Montevidéu: Fundación Torres García.

VARGAS, Fábio Aristimunho. **Pré-datados**. São Paulo: Lumme Editor, 2010.


XE
ARMA
PEN

O AUTOR

Fávio Bargas é nome literário de Fábio Aristimunho Vargas. De origem brasileira e paraguaia, vive em Foz do Iguaçu, onde transita entre as áreas acadêmica e literária. É escritor, tradutor, professor e advogado. Tem mestrado e doutorado na USP. Atua na área de Direito Migratório junto à população em situação de vulnerabilidade da Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai). Foi tradutor-residente na Universitat Autònoma de Barcelona com bolsa do Institut Ramon Llull. É presidente da Liga Ágil – Associação Brasileira de Palindromistas. É editor das revistas ArtSinistra e Iguazu Science. Obras literárias publicadas: *Medianeira* (Quinze & Trinta, 2005), *Pré-datados* (Lumme, 2010), *O show dos bichos* (Musa, 2013), *Re-versos* (Patuá, 2023). Obras ensaísticas e acadêmicas: *Formação das fronteiras latino-americanas* (FUNAG, 2017), *Fronteiras literárias ibero-americanas* (Lumme, 2017), *ARARA RARA – Antologia de palíndromos* / *Ensaio sobre a palindromia* (EdUnila, 2021), entre outras. Organizou, traduziu e publicou coletâneas das obras de diversos escritores ibéricos e latino-americanos. *E-mail:* fabioaristimunho@gmail.com.



Persona non gratis, de Favio Bargas, é uma obra de poesia e memória nascida da experiência da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Por meio de um portunhol deliberadamente inventivo, que incorpora o português, o espanhol, o guarani, grafias recriadas e vozes do cotidiano fronteiriço, os poemas exploram temas como migração, pertencimento, contrabando, identidade, deslocamento e relações humanas. A linguagem, instável e mestiça, torna-se simultaneamente matéria poética e forma de resistência às fronteiras linguísticas e culturais. Ao conjunto de poemas segue-se um relato fotobiográfico que percorre seis gerações da família do autor, entre deslocamentos, casamentos, separações, lugares e lembranças que atravessam Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Assim, Persona non gratis transforma a fronteira em espaço de memória, circulação e criação, revelando uma identidade construída entre línguas, territórios e pertencimentos.

Apoio:

ARAUCÁRIA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O PARANÁ

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

coleção Toda Língua é Migrante

SELO ÑANDÉ

EDUNILA
Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana